

FACULDADE DE PSICOLOGIA – PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E DA PERSONALIDADE

**ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO:
IDENTIDADES EM CONSTRUÇÃO**

MÁRCIA PILLA DO VALLE

Dra. Neuza Maria de Fátima Guareschi
Orientadora

Dissertação de Mestrado

Porto Alegre, janeiro de 2003

MÁRCIA PILLA DO VALLE

**ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO:
IDENTIDADES EM CONSTRUÇÃO**

Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Faculdade de Psicologia

Orientadora: Dra. Neuza Maria de Fátima Guareschi

Porto Alegre
2003

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E DA PERSONALIDADE

**ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO:
IDENTIDADES EM CONSTRUÇÃO**

Dissertação apresentada à banca examinadora:

Profa. Dra. Kátia Rúbio

Profa. Dra. Nara Schmidt Lima

Profa. Dra. Neuza Maria de Fátima Guareschi
Orientadora

Porto Alegre, janeiro de 2003.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V181a Valle, Márcia Pilla do
Atletas de alto rendimento : identidades em construção /
Márcia Pilla do Valle. – Porto Alegre, 2003.
97 f.

Dissertação (Mestrado) – Fac. de Psicologia, PUCRS,
2003.

1. Esportes – Aspectos Psicológicos. 2. Psicologia
Social. 3. Sentidos. 4. Identidade Cultural. 5. Esportes –
Competições. 6. Esportes de Alto Rendimento. I. Título.

CDD 301.1
796.01

Bibliotecária Responsável
Iara Breda de Azeredo
CRB 10/1379

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Neuza que desde o início me recebeu em seu grupo com paciência e compreensão, me acompanhando ao longo desta jornada de pesquisa para mim tão nova. Obrigado por contribuir e, principalmente, me acompanhar em momentos de desconstrução inerentes ao processo.

Aos meus colegas de mestrado, especialmente aos do grupo de pesquisa, que me auxiliaram a pensar outras tantas questões, proporcionando-me o prazer de “perambular” por novos conhecimentos, sempre críticos e profundos, mas sem perder jamais a espontaneidade de nossa convivência.

Aos atletas que se dispuseram a falar comigo de forma tão franca, me presenteando com seus sentidos e viabilizando a pesquisa.

Às colegas Lizete e Nara sempre dispostas a me escutar, partilhando do projeto de construir conhecimentos de uma prática, para nós, tão instigante.

À Clarice, sempre pronta a conter minhas angústias, ajudando-me a vencer mais esta etapa e compartilhando comigo sentimentos dos mais diversos.

Ao André e, especialmente, ao Mathias obrigado por entenderem as tantas ausências nas suas vidas e por reconhecerem a importância deste trabalho na minha.

Aos diversos amigos e colegas que de alguma forma me instigaram a seguir esta trajetória, me inspirando, incentivando ou apenas acompanhando meu processo de criação.

Agradeço pela companhia neste caminho que, apesar de todas estas presenças, mostra-se tão solitário.

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo investigar como jovens atletas através da prática do esporte de alto rendimento constroem suas identidades. Procuramos mostrar que dispositivos da cultura esportiva contemporânea produzem diferenças nestes sujeitos e como eles passam a se produzir e a se subjetivar a partir desta prática. Para tanto, desenvolvemos entrevistas com atletas onde foram analisados os sentidos produzidos por estes em relação a sua vida esportiva. A partir da Psicologia Social, fundamentamos nossa análise na produção de sentidos dentro da perspectiva do Construcionismo Social e da concepção de identidade do campo dos Estudos Culturais. A prática do esporte de alto rendimento produz sentidos paradoxais na vida destes jovens, pois ao mesmo tempo em que se sentem satisfeitos em alcançar objetivos de sucesso, superação e vitórias inerentes ao esporte de competição, sua prática produz conflito a partir das diferenças que se estabelecem em relação à vida de outros jovens não praticantes deste esporte.

ABSTRACT

This work aims to investigate how young athletes, through high rate sport performances construct their identities. We tried to demonstrate that contemporary culture of sports triggers differences in these individuals and that they begin to produce and to subject themselves from this practice. For that purpose we developed interviews with athletes where we analyzed the meanings produced in relation with their sportive lives. Starting from Social Psychology we based our analysis in the production of meanings within the perspective of the Social Constructivism and conception of identity in the field of Cultural Studies. The practice of sports of high performance produces paradoxical meanings in the lives of these youngsters, because at the same time they feel satisfied in achieving their aims of success, overcoming and victories inherent to the competitive sports, their practice also produces conflicts starting from the differences that are established in relation to the lives of other youngsters that do not practice this kind of sport.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO.....	11
Das Questões de Pesquisa.....	26
Do Contexto da Pesquisa	27
Dos Participantes	27
Do Método e do Procedimento para a Pesquisa.....	28
Do Método para Análise dos Dados	28
(D)A HISTÓRIA E (D)O ESPORTE	32
(D)OS DISPOSITIVOS E (D)A SUBJETIVAÇÃO	41
O esporte e o relacionamento social	49
O esporte e o trabalho	64
O esporte e o narcisismo	72
O esporte e o corpo	80
(D)OS EFEITOS.....	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93

INTRODUÇÃO

O esporte tem sido considerado como um dos maiores fenômenos socioculturais do século XX e, paralelamente, a Psicologia do Esporte tem sido apontada como uma das áreas emergentes da Psicologia neste início de milênio (RÚBIO, 2000a).

A Psicologia do Esporte se dedica tanto ao esporte de alto rendimento (esporte competitivo) quanto às práticas da atividade física em geral (iniciação esportiva não-competitiva, reabilitação de ex-enfermos, etc.).

No tocante ao esporte de alto rendimento, os profissionais que a ela se dedicam têm estabelecido como prioridade a otimização da performance do atleta aliada a uma preocupação com sua saúde mental. Observa-se uma ênfase nas publicações da área e repercussão na mídia de trabalhos na linha cognitiva e neurolingüística, cujo enfoque principal reside em reforçar aspectos do atleta como: a resolução de problemas, concentração, atenção, motivação e a criação de uma mentalidade vencedora, entre outros (LUCCAS, 2000; RÚBIO, 2000b). A produção acadêmica da área é uma associação de conhecimentos das áreas clínica e social, influenciada por diferentes paradigmas e correntes teóricas da Psicologia, referentes à observação, análise e intervenção dos comportamentos e atitudes dos seres humanos no contexto da prática do esporte e da atividade física (RÚBIO, 2002).

A partir de minha experiência como psicóloga dentro de um clube que incentiva esportes de alto rendimento, várias questões foram sendo pensadas a respeito dos sujeitos

que se envolvem neste tipo de atividade, em especial os jovens atletas, e de como nós, psicólogos do esporte, temos compreendido e atendido a essas questões.

O atleta de alto rendimento necessita adequar-se a uma série de padrões de treinamento, de rotina, de dieta, etc., que o diferencia em muito das rotinas costumeiras dos indivíduos. O elevado nível de competitividade lhe exige um excessivo tempo de treinamento, muita seriedade e disciplina na busca de resultados satisfatórios, dedicação quase exclusiva e, algumas vezes, exclusiva ao treinamento. A prática do esporte de alto rendimento, portanto, produz diferenças em várias ordens - simbólica, cultural, econômica - àqueles que se dedicam a essa atividade.

Meu trabalho junto a estes jovens me fez perceber que os referenciais teóricos disponíveis atualmente na área de Psicologia do Esporte não contemplavam toda a demanda observada na prática. A proposta com a Psicologia no clube onde estou inserida é de trabalhar na formação e desenvolvimento dos atletas enquanto seres humanos contextualizados na sua prática. Trabalhar na melhoria de sua performance, mas tendo como prioridade a saúde mental dos mesmos. Isso pressupõe um trabalho de médio e longo prazo, possibilitando um acompanhamento mais sistemático dos envolvidos no esporte quais sejam: técnicos, atletas, pais, dirigentes. Leva em conta ainda ter uma concepção de sujeito diferente da proposta pelo paradigma positivista de ciência. Poder discutir como esse sujeito atleta se produz é considerá-lo como um sujeito que é efeito de práticas lingüísticas e discursivas e que está em constante construção. Essas reflexões abrem uma série de possibilidades para se pensar a construção de identidades desses sujeitos, sob um olhar diferenciado do que tem sido publicado a respeito em Psicologia do Esporte até então.

É muito comum, no Brasil, contratar os serviços de Psicologia do Esporte por uma temporada esportiva ou mesmo para realizar um trabalho que vise à classificação de um time, por exemplo. Essas práticas acabaram por criar muitas vezes uma idéia de soluções mágicas para os percalços vivenciados pelo atleta/equipe, o que dificulta, muitas vezes, a implantação de um trabalho mais sistemático que envolva objetivos de mais longo prazo. A área carece também de publicações que abranjam problemáticas a respeito do sujeito e a compreensão de sua subjetividade, predominando as temáticas mais cognitivas e motivacionais. A justificativa deste estudo reside justamente em trabalhar conteúdos desta lacuna do conhecimento relacionados com a Psicologia do Esporte, procurando atender a uma necessidade observada na prática.

Minha inclusão no Programa de Mestrado foi motivada pela necessidade de construir conhecimentos que abarquem essas problemáticas que tenho levantado, sob um paradigma epistemológico diferente do que tem sido utilizado até o momento em Psicologia do Esporte e que levem em conta a produção de subjetividades desses atletas.

Esta dissertação tem como objetivo estudar o tema da construção da identidade de jovens atletas dedicados ao esporte de alto rendimento, utilizando o campo dos Estudos Culturais articulado a aportes da Psicologia Social. Considerando que essa prática marca uma diferença importante na vida desses jovens, busco compreender melhor os sentidos que estão sendo produzidos com relação a essa prática desportiva, de que modo se pensam e são pensados esses sujeitos enquanto atletas. Investigar como esses jovens, a partir desta experiência com a prática do esporte de alto rendimento, passam a construir suas identidades sociais e culturais e problematizar alguns dispositivos do esporte que subjetivam esses sujeitos.

Esta dissertação divide-se em quatro partes. Na primeira parte é construído o objeto de estudo, apresentando os operadores teóricos, o paradigma sob o qual se sustenta esta pesquisa bem como a metodologia utilizada.

Na segunda parte é feita uma discussão acerca do processo de construção histórica do esporte, procurando marcar alguns dos dispositivos que atravessaram e instituíram a instituição esportiva. Nesse sentido, pretendo não me ater à ordem cronológica dos fatos, mas aos acontecimentos que foram constituindo o sujeito do esporte e a própria instituição esportiva tal como se constituem na contemporaneidade.

Na terceira parte são apresentados alguns dispositivos do esporte que subjetivam os atletas de alto rendimento (relações sociais estabelecidas por eles, o narcisismo que permeia todo esse processo, a produção do corpo atlético e a relação de trabalho que estabelecem), problematizando as questões de construção das identidades, entendidas como se constituindo a partir das diferenças em relação aos outros discursos culturalmente hegemônicos. Neste espaço, são expostas as falas do sujeito e os sentidos que produziram ao longo das entrevistas.

Finalmente, na última parte, são retomadas as questões da construção das identidades nos jovens atletas dedicados ao alto rendimento, evidenciando o constante paradoxo em que vivem esses sujeitos.

CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO

Diversos autores que tratam sobre o tema do Esporte, tais como Brandão (1995), Machado (1997), Rúbio (2000b), o têm considerado como um dos fenômenos socioculturais mais importantes do século XX. A abrangência mundial atingida pelas competições esportivas possibilitou que se criasse uma linguagem esportiva universal, resultando no que se costuma chamar de “esporte-espetáculo”. Atualmente, em qualquer lugar do planeta, se pratica algum tipo de atividade esportiva. O esporte possibilita um intercâmbio entre nações, que passam a interagir a partir de regras universalizadas. Com a dimensão e repercussão que foram tomando os eventos esportivos, além da dimensão sociocultural, duas outras questões merecem ser destacadas: uma política e outra econômica.

Com relação ao aspecto político, observou-se que se, por um lado, rompem-se barreiras culturais - língua, costumes - através da competição esportiva, por outro, o esporte pode servir como palco de disputas políticas e étnicas importantes. Ao longo do século XX, muitas vezes isso foi constatado através de boicotes às Olimpíadas, atentados aos atletas, comparações entre países através de ranking de medalhas. Portanto, o resultado da disputa esportiva muitas vezes foi (e é) utilizado como porta-bandeira e força de sustentação de governos e regimes políticos. Reconhecidamente, muitas medalhas olímpicas tiveram um

valor político–propagandístico muito maior do que vários anos de trabalho diplomático (CARRAVETTA, 1997; RUBIO,2000b; SANTIN,1994).

No tocante à questão econômica, tem se observado o esporte como um espaço privilegiado para quem pratica, assiste e investe, transformando-se em um dos grandes responsáveis pela movimentação de capital no mundo. Com a ascensão do esporte-espetáculo, os investidores perceberam o valor do esporte como negócio. Começou a haver um investimento não só de patrocínio direto, mas no desenvolvimento técnico e no aprimoramento físico como, por exemplo, com fabricação de material especializado e desenvolvimento de tecnologia de suporte (RÚBIO, 2000a).

Muitos progressos foram sendo alcançados, recordes quebrados sucessivamente e passou-se a buscar todos os detalhes que pudessem fazer diferença na performance de atletas - roupas especiais, pisos que absorvem impactos, piscinas sem ondas, etc.- pois o nível físico e técnico de atletas foi sendo emparelhado.

A Psicologia do Esporte¹ começa a ser desenvolvida a partir da ascensão do esporte-espetáculo, na tentativa de melhorar o rendimento do atleta através de um maior controle emocional. Busca, inicialmente, que o indivíduo possa controlar ao máximo as variáveis emocionais intervenientes em seu desempenho (ansiedade, concentração, etc.). Os primeiros estudos datam do início do século XX e eram desenvolvidos principalmente pela extinta União Soviética e pelos Estados Unidos. Tais estudos eram baseados no paradigma positivista da Psicologia aplicada ao esporte e em pesquisas desenvolvidas basicamente em laboratórios (RÚBIO, 2000a).

¹Algumas discussões tentam diferenciar a Psicologia no e do Esporte. Fazer essa diferenciação seria estabelecer uma cisão que impede a interlocução em pensar de diferentes perspectivas o mesmo fenômeno. Para maior aprofundamento, ver Rúbio (2000a).

Apesar de só começar a ser conhecida do público recentemente no Brasil, a Psicologia do Esporte em nosso país já tinha alguns representantes na década de 50, quando o psicólogo João Carvalhaes desenvolveu um trabalho junto aos juizes de futebol e posteriormente, com a própria Seleção Brasileira de Futebol. Esta área de conhecimento começou a despertar maior interesse por parte dos psicólogos brasileiros a partir da década de 90. Anteriormente muitas das produções científicas que referenciavam esta área era de profissionais da área da Motricidade Humana (professores de Educação Física, médicos, pedagogos). É somente no final da década que começam a se instituir disciplinas optativas de Psicologia do Esporte nos currículos de graduação e a realização de cursos de extensão (EPIPHANIO, 1999; RÚBIO, 2000a).

O paradigma positivista foi marcante durante muito tempo nesta área de conhecimento, mas passou a sofrer algumas interferências importantes. Muitos estudos foram sendo desenvolvidos (e ainda são) com a preocupação de aprimorar o rendimento dos atletas e, para tanto, os experimentos eram considerados grandes aliados. No entanto, alguns estudos sociológicos começaram a ser produzidos relacionando-os ao esporte. Profissionais, principalmente da área da Motricidade Humana, influenciados por autores da Teoria Social Crítica, passam a questionar a relação do esporte com a reprodução da ideologia e com as relações de dominação. Nesse sentido, consideram que o esporte de rendimento traz em sua estrutura interna os mesmos elementos que estruturam as relações sociais de nossa sociedade: forte orientação no rendimento e na competição, seletividade via concorrência, igualdade formal perante as regras, etc. Quando se pensa nas exigências do esporte de alto rendimento, pode-se pensar que ele reproduz a sociedade democrática ocidental onde o que importa é o resultado obtido. A questão colocada por esses pensadores não é a prática do esporte competitivo e de rendimento em si, mas como este acaba por ser

um meio de reprodução ideológica do modelo econômico vigente (BRACHT, 1997, 2000; SANTIN, 1994).

Teóricos influenciados pela Teoria Social Crítica tinham maior preocupação em desvendar o que está por trás desta modalidade esportiva, ao considerar que as estruturas sociais queriam, em última instância, dominar e reproduzir o modelo atual de forte orientação no rendimento e na competitividade, seletividade via concorrência, igualdade formal perante as leis e regras.

Publicações mais recentes sobre o assunto trazem contribuições de várias vertentes da Psicologia (Psicologia Cognitiva, Psicanálise, Psicologia dos Grupos, etc.) ilustrando o quanto este ainda é um campo de saber sujeito a vários intercessores e carente de construções teóricas que levem em conta as especificidades desta prática profissional. Portanto, apesar de mostrar-se como um campo emergente de conhecimento e trabalho, a Psicologia do Esporte no Brasil tem se caracterizado pela pluralidade de formação e ação dos profissionais que a ela se dedicam. “Dos campos de atuação às linhas teóricas, o que se observa hoje na Psicologia do Esporte é um apelo à alteridade, no sentido do respeito às diferentes formas de se fazer uma prática que ainda carece de tradição.” (RÚBIO, 2000a, p.10).

Atualmente o esporte já não é mais visto pelos estudiosos das Ciências Sociais somente como decorrente de questões econômicas, políticas e sociais, mas tem sido considerado como uma atividade central nas sociedades contemporâneas, com um conjunto de valores próprios a serem observados e analisados. Rúbio (2001) cita um trabalho de MacClancy em que foram apresentados dados que consideram o esporte, juntamente com o lazer e o turismo, como a terceira maior indústria do globo, perdendo apenas para o

petróleo e indústria automobilística . Esse fato, por si só, já funciona como um estímulo às pesquisas em diferentes vertentes.

Pesquisas² recentes publicadas em revistas especializadas em Psicologia do Esporte nos EUA e realizadas por teóricos do feminismo têm questionado não só os métodos utilizados hegemonicamente até então, como sugerido outras metodologias e a utilização de outros paradigmas na Psicologia do Esporte e do Exercício.

Os enfoques teóricos predominantes no Brasil, no entanto, não têm dado atenção à dimensão da subjetividade do atleta de alto rendimento e esta é uma perspectiva que se mostra interessante de ser trabalhada e que procuro desenvolver ao longo da dissertação.

A dimensão ética do trabalho do psicólogo do esporte também tem sido questionada em diversos encontros científicos e considero-a uma discussão imprescindível de ser levantada. Portanto, faço algumas referências a essa questão.

O trabalho da Psicologia do Esporte que tem recebido maior destaque em nosso país é marcado pela preparação psicológica individual com vistas a criar uma mentalidade vencedora, em que a prática do individualismo se sobrepõe ao coletivo. Nesse enfoque, o atleta é visto como um ser dotado de uma racionalidade e de uma consciência (fundada na Razão) capazes de fazê-lo crer ser o autor de sua história, escolhas e decisões. Nesse sentido, a ética do individualismo tem regido o trabalho de alguns psicólogos, dando especial destaque ao narcisismo pessoal tanto dos atletas quanto dos próprios profissionais envolvidos. Essa prática não se coaduna com a ética do psicólogo que deve buscar a promoção da saúde daqueles com quem trabalha (LUCCAS, 2000).

Luccas (2000), ao tratar dessas questões éticas, questiona o quanto a Psicologia

² Alguns desses pesquisadores são Diane Whaley, Emily Roper, Chrity Greenleaf, Karen Collins. Suas pesquisas estão publicadas na revista *The Sport Psychologist* (2001), n. 15.

conhece realmente do esporte. Muitos profissionais têm atuado reforçando a Psicologia num papel de ferramenta mágica e poderosa no alcance do sucesso, colocando em risco o trabalho seriamente desenvolvido tanto por profissionais da área da Psicologia quanto o próprio trabalho dos técnicos esportivos. A Psicologia do Esporte tem sido vendida como um produto infalível e necessário, mas muito pouco se conhece dela e ainda muito se tem a desenvolver. Esse autor vai mais além, ao afirmar que pouco se conhece do papel social do esporte, sobre sua história, seus significados e desdobramentos na constituição da subjetividade das pessoas. Questiona como nós, enquanto psicólogos responsáveis por promover a saúde, podemos trabalhar nesse sentido se nada ou pouco conhecemos sobre os reflexos sociais que tal trabalho possui.

É importante compreender alguns aspectos que envolvem o esporte de alto rendimento como: o paradigma de ciência que vem acompanhando os estudos da área, a noção de treinamento desportivo e de esporte de alto rendimento, para tentar articular por que a perspectiva de uma ética individualista permeia a Psicologia do Esporte atualmente.

Segundo Carravetta (1997), o esporte pode variar de condutas dependendo das circunstâncias determinadas pelo meio que o cerca. Assim sendo, pode ser esporte-divertimento, esporte-profissão, esporte-rendimento, esporte-superação, esporte-higiene, esporte-escolar, esporte-militar, entre outros. Os autores, em sua maioria, distinguem a instituição esportiva como seguindo duas grandes trajetórias: a) esporte-espetáculo e b) esporte-prática.

Ambos nascem de uma mesma necessidade de realização humana, foram requeridos por demandas sociais diferentes que lhes determinaram tomar distintas direções, favorecendo os indivíduos, de acordo com suas possibilidades, a sentirem-se atraídos por um determinado modelo sem romper com os paradigmas de suas concepções. (CARRAVETTA, 1997, p.12)

É necessário ainda distinguir o esporte como método pedagógico ou como treinamento/competição. Eles são distintos em seus conteúdos, têm fins e funções sociais diferentes (CARRAVETTA, 1997).

Para este estudo são considerados somente questões que digam respeito ao esporte de alto rendimento uma vez que as questões de pesquisa envolvem atletas dedicados a esse tipo de esporte.

Santin (1994), analisando o esporte sob uma perspectiva crítica, traz uma contribuição interessante ao conceituar rendimento. Diz que rendimento tem dois significados principais:

- a) submissão, dominação (ex.: render o cavalo, render o inimigo);
- b) produtividade, o resultado que se obtém pelo desempenho de uma energia motora.

Embora saibamos que esse aspecto é verdadeiro, não podemos compreender o esporte de alto rendimento apenas sob esse ponto de vista, pois tenderíamos a ser reducionistas em nosso entendimento.

Bracht (2000) afirma que o conceito de rendimento está presente em toda a prática esportiva. Entretanto, o esporte é considerado de rendimento quando este é elevado ao objetivo central, ao elemento que define as ações. O objetivo a atingir passa a ser o resultado máximo, não o possível ou o ótimo.

Com isso, o atleta acaba por submeter-se a um sistema de vida científico e tecnológico (dieta, treino, etc.) fazendo com que deixe de ter vida própria, para tornar-se um artefato em busca da superação de seus limites. Por decisão própria, o atleta precisa alcançar uma dominação sobre si mesmo, o que vai acontecer pelo treinamento contínuo. O

organismo precisa aproveitar totalmente a energia para que se desenvolva ao máximo, resultando num atleta mecânico e quantitativo (Santin, 1994).

O treinamento no campo esportivo é definido por Carravetta (1997, p.25) como

um processo complexo de atuação que tem por objetivo a preparação planejada a longo prazo para o rendimento. Para alcançar o rendimento máximo no esporte, são necessários, em igual medida, tanto a capacidade como a disposição para o rendimento, o desenvolvimento físico e técnico e os aspectos psicológicos e sociais.

Levando em conta o cientificismo/maniqueísmo que rege os programas de treinamento esportivo, sua visão de um ser humano mecânico e quantitativo, assujeitado biotecnologicamente, podemos compreender por que o discurso da Psicologia do Esporte iniciou-se sob esse paradigma. Historicamente, no Brasil inclusive, esta área de conhecimento foi muito mais desenvolvida por profissionais do Movimento Humano, principalmente professores de Educação Física e pelos próprios técnicos, que prescindiam da necessidade de dar conta dos aspectos emocionais que envolviam esse atleta mecânico e quantitativo (EPIPHANIO, 1999). Essa concepção de sujeito é ligada diretamente à própria história da Educação Física no Brasil, que recebeu influência de tendências ligadas a conceitos higienistas, militaristas e competitivistas. De acordo com Silveira (2000), a Educação Física Higienista trazia ênfase à questão de disciplinar os hábitos das pessoas para formar homens e mulheres sadios, fortes e dispostos à ação. A tendência Militarista tinha como objetivo obter uma juventude capaz de suportar o combate e a luta, exacerbando características como coragem, vitalidade, heroísmo e disciplina. Já a Educação Física Competitivista considerava a superação individual e a competição como valores essenciais e desejados pela sociedade moderna. Esta tendência defende a idéia de que o desporto é um bem em si, passando a sua literatura a adquirir um caráter tecnicista e protegendo-o de qualquer influência de características político-sociais. Essas diversas tendências históricas

resultaram na concepção de um sujeito portador de uma essência e natureza capaz de ser desvendada e controlada e que se coaduna perfeitamente com os programas de treinamento mental como os propostos por vários psicólogos do esporte atualmente.

O esporte, enquanto instituição confederada, submetido a instituições que tem em última instância o Comitê Olímpico Internacional, possui um código de relações instituído que não é nada ingênuo ou natural, mas é um código profundamente orientado que denota uma organização hierárquica, autoritária e centralizada.

A tendência constante dos jogos federados é uniformizar o meio segundo o qual evoluciona o atleta, e uma das principais características dos jogos de federação é suprimir a referência ao imaginário e à fantasia. O aspecto instrumental da motricidade é a sistemática valorização da competição. (CARRAVETTA, 1997. p.27).

A indústria esportiva movimenta cifras vultosas em todo o mundo, exigindo um rendimento condizente com seus investimentos que só serão liberados mediante a possibilidade de quebra de recordes que venha a atrair mais espectadores/consumidores. Portanto a pressão do aspecto econômico também acaba interferindo na vida do atleta.

O atleta de alto rendimento caracteriza-se, então, pela busca constante de superação de seu rendimento esportivo. A superação de limites envolve a busca de mecanismos que evitem as doenças, retardem o envelhecimento e prolonguem a vida. Com isso, observa-se uma sujeição do corpo a uma ordem biotecnológica e, para os atletas de alto rendimento, a um treinamento que trabalha no limiar entre o que seja saudável e o que seja nocivo ao corpo (FRAGA, 2001).

O profissional de Psicologia que trabalha com atletas de alto rendimento deve ter em conta, portanto, que este sujeito é atravessado por inúmeras questões: econômica, social, tecnológica, enfim, dispositivos que o interpelam, constituindo e instituindo não só o processo de construção de suas identidades como a produção de sua subjetividade. Essas

questões produzem diferenças importantes nestes atletas em relação aos jovens não-atletas, considerados culturalmente como grupos hegemônicos.

Poder pensar como os atletas se produzem a partir da prática do esporte é considerar uma concepção de sujeito diferente da proposta pelo paradigma positivista de ciência, lançando um olhar diferenciado do que tem sido publicado a respeito em Psicologia do Esporte até então.

Ainda que considere fundamental a importância desses estudos em determinados contextos, percebo uma lacuna de conhecimentos no tocante às particularidades de cada sujeito em relação à sua prática neste tipo de esporte. Rúbio (2002), ao discutir os caminhos que a Psicologia do Esporte tem trilhado no Brasil, considera imprescindível que a Psicologia do Esporte comece a levar em conta mais atentamente os aportes da Psicologia Social como forma inclusive de fortalecer-se teoricamente, extrapolando os limites do diagnóstico e intervenção individual em atletas e equipes.

Para situar o paradigma sob o qual sustento minhas discussões, retomo algumas questões teóricas a respeito do Construcionismo Social. Posteriormente, articulo conceitos dos Estudos Culturais com a Psicologia Social que são fundamentais para compreender as temáticas levantadas nos capítulos seguintes.

Segundo Spink (1999, p.60), o Construcionismo Social

está interessado em identificar os processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam e/ou compreendem o mundo em que vivem, incluindo elas próprias. Nesse sentido, o foco dos estudos passa das estruturas sociais e mentais para a compreensão das ações e práticas sociais e, sobretudo, dos sistemas de significação que dão sentido ao mundo.

Posicionar-se perante o conhecimento dessa forma implica abdicar de uma visão representacionista do conhecimento a qual tem como pressuposto a concepção de mente como espelho da natureza. Sujeito e objeto não são apreensíveis, mas construções sócio-

históricas, produtos de nossas épocas e de nossos contextos sociais. A pesquisa sob este paradigma assume, então, seu caráter processual, aceitando o dinamismo, a historicidade e a contextualidade implícita do nosso conhecimento sobre o mundo.

A questão para o Construcionismo não é saber se existe uma “realidade real” (como busca o paradigma positivista de ciência), mas saber como se pensa essa realidade, que sentidos são dados a esse mundo. Ewald (1993, p. 26) nos diz:

(...) não produzir algo de verdadeiro, no sentido de definitivo, absoluto, peremptório, mas dar ‘peças’ ou ‘bocados’, verdades modestas, novos relances, estranhos, que não implicam em silêncio de estupefação ou um burburinho de comentários, mas que sejam utilizáveis por outros como as chaves de uma caixa de ferramentas.

Desse modo, o Construcionismo Social não é essencialista, mas considera o mundo como um jogo de relações entre as coisas e as categorias. Ele abandona a esperança de haver um lugar privilegiado do qual se possa olhar e compreender definitivamente as relações que circulam no mundo. A epistemologia que embasa este paradigma é necessariamente provisória e humilde em suas pretensões.

Para o Construcionismo, a grande importância de uma epistemologia que considera a formação discursiva e o processo de significação como principal, traz a constatação de que a representação é da ordem dos sentidos que o sujeito atribui, tanto no seu âmbito consciente quanto não, ao seu grupo e coletivos. Busca-se inquirir o que os sujeitos dizem, pensam e atuam acerca das representações que constituem o mundo e, de modos diversos, o próprio sujeito. Assim sendo, não há ênfase na idéia de corrigir a compreensão que os coletivos têm do real, mas de propor intervenções que provoquem modificações nas representações que são, por conseguinte, o que constitui este real. Ao pesquisador cabe trazer a problematização dessas construções e constituir a provocação de novas formas de

ver e nomear os objetos por parte dos sujeitos e dos coletivos (VEIGA-NETO e WORTMANN, 2001).

O Construcionismo Social, portanto, não considera que todos os fenômenos são reduzidos à linguagem, mas é inegável seu reconhecimento quanto à centralidade da linguagem nos processos de objetivação. Para os Estudos Culturais, não há possibilidade de produção de sentidos fora da linguagem e, assim sendo, esta proposta se coaduna perfeitamente com o Construcionismo Social. Tanto os Estudos Culturais quanto o Construcionismo Social reconhecem a capacidade dos sujeitos sociais de manifestar diferentes práticas simbólicas, sendo que essas estão situadas em um determinado contexto histórico.

Os Estudos Culturais podem contribuir para a pesquisa e para a discussão teórica em Psicologia Social por ser um campo de estudos interdisciplinar³, que se utiliza dos campos que forem necessários para produzir um conhecimento útil sobre um projeto particular, sobre a cultura humana.

O conceito de cultura é fundamental para essa abordagem de investigação, pois é considerada como constitutiva do sujeito e da sua vida social. Para compreendermos o porquê desta afirmação, é fundamental que consideremos a implicação imanente⁴ entre sujeito e objeto, ou seja, entendê-los como construções sócio-históricas, numa relação em que construímos sentidos e conhecimentos acerca do mundo e este constrói conhecimentos a nosso respeito. Desse modo, o mundo (a realidade) não é anterior à experiência que fazemos dele, mas é acessado a partir dos sentidos que damos a ele. O significado do objeto não reside no objeto em si, mas na sua construção social através da linguagem. Portanto,

³ Para um aprofundamento do assunto, ver em Guareschi, Medeiros e Bruschi (2003)

⁴ “Falar em implicação imanente equivale a dizer que não há precedência nem subordinação entre a realidade e aquilo que pensamos e dizemos sobre ela.” (VEIGA-NETO, 2000, p. 227)

tudo o que pensamos e dizemos ser esse mundo real está sempre entrelaçado com ele, independentemente de concluir se existe mesmo uma realidade que estaria situada fora da percepção que temos dela e dos sentidos que damos a ela. Isso significa que existe sempre uma materialidade conectada com o que pensamos e dizemos, ou seja, conectada com os nossos discursos. Ainda que a realidade seja intangível, nós sabemos que ela existe e que está conectada com o que representamos. A discussão parece se dirigir para saber como os objetos são construídos e entendidos por nós, sobre nossas vidas, sobre como os vivemos (VEIGA-NETO, 2000).

Para Silva (1999), a idéia de “construção social” tem funcionado como um conceito unificador dos Estudos Culturais. Este campo de estudo nos lembra que os sentidos que o mundo cultural e social estabelece de forma hegemônica, através da interação social, acabam sendo percebidos como naturalizados, mascarando sua origem e a complexidade desse processo. Como nas demais disciplinas, esse também é o propósito da Psicologia Social: expor o processo de construção social. Dessa forma, é possível buscar intervenções nos coletivos que utilizem a linguagem e a produção de sentidos construídas por esse mesmo coletivo das populações atendidas com uma estratégia que não predispõe uma “hermenêutica”, mas que possibilita, antes de mais nada, um espaço de escuta dessa organização e suas vicissitudes, mostrando-se de extrema relevância para a Psicologia como ciência e profissão.

O conceito de cultura para os Estudos Culturais se apóia justamente nessa questão que valoriza o caráter discursivo e social do conceito. Stuart Hall (1997), um dos principais teóricos dos Estudos Culturais e que trabalha com esse conceito, ressalta que a virada cultural – entender a cultura como tendo um papel constitutivo na vida social e não mais como uma variável dependente do sistema social - associada à virada lingüística – aceitar

que a linguagem constitui os fatos e não apenas os relata - provoca uma mudança de paradigma nas Ciências Sociais e Humanas, uma vez que a cultura passa a ser entendida como prática de significação. A virada cultural amplia a compreensão acerca da linguagem para a vida social como um todo. Os processos econômicos e sociais, por dependerem do significado e terem conseqüências em nossa maneira de viver, em nossas identidades, também têm de ser compreendidos como práticas culturais, como práticas discursivas. A cultura passa a ser eminentemente interpelativa, constitutiva das nossas formas de ser e de explicar o mundo.

O que constitui nossas culturas são os variados sistemas de significados que dão sentido às nossas ações. Assim sendo, “cada instituição ou atividade social gera e requer seu *próprio universo* distinto de significados e práticas – sua própria cultura.” (GUARESCHI, MEDEIROS e BRUSCHI, 2003). Assim sendo, este trabalho se propõe a pensar o esporte de alto rendimento como uma prática social que produz um universo de sentidos e que captura os sujeitos nele envolvidos.

A noção de “centralidade da cultura” também é importante para entendermos a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, mediando tudo. Essa centralidade revela que toda prática social tem - dentre outras - uma dimensão cultural. Hall (1997, p.33,34) enfatiza que isso não quer dizer que “tudo é cultura” - o que seria apelar para um argumento reducionista,

mas que toda prática social depende e tem relação com o significado: conseqüentemente, que a cultura é uma das condições constitutivas de existência dessa prática, que toda a prática tem uma dimensão cultural. Não que não haja nada além do discurso, mas que toda prática social tem o seu caráter discursivo. (...) toda a prática social tem condições culturais ou discursivas de existência.

Segundo Bernardes e Guareschi (2003), “compreender pela cultura não é dizer que tudo é cultural, mas atentar-se para o modo como a cultura é responsável por aquilo que nos tornamos”.

A cultura, tomada como práticas sociais e de significação, institui modos de viver, de ser, de compreender, de explicar a si mesmo e o mundo. Ao forjar sentidos, estes ganham efeitos de verdade e passam a constituir o modo de ser dos sujeitos. (BERNARDES e GUARESCHI, 2003). Portanto, não se pode pensar o sujeito destituído de seu caráter cultural, pois ele é histórico e culturalmente contingente. Embora sintamos como praticamente natural a forma como entendemos a nós mesmos, nós somos constituídos por determinada cultura, em determinada época. Desse modo, ao trabalhar com os atletas, é fundamental considerar esse aspecto da centralidade da cultura para contextualizar as práticas esportivas constituídas pela cultura esportiva e os sujeitos a ela imbricados.

A perspectiva dos Estudos Culturais permite analisar como os sujeitos compreendem a si mesmos dentro da cultura e quais significados compartilham em grupos específicos, nos diferentes momentos históricos. As práticas de significação que nomeamos como cultura dizem respeito a determinados regimes de verdade, aceitos naquele tempo histórico e por aquele grupo. Cabe salientar que significar tem uma dimensão de poder, pois no ato de significar há implicitamente uma imposição de sentidos de um grupo social sobre os outros.

Podemos concluir, portanto, que a cultura constituída simbolicamente é também interpelativa, produtora de subjetividades e identidades. As práticas culturais são constituidoras de visões de mundo que à medida em que se constituem como tal, constituem posições de sujeito. Os próprios artefatos da cultura – a mídia por exemplo,

também são interpelativos. Segundo Hall (1997), eles nos instigam a ser da forma como dizem que somos, nos capturando e nos tornando governáveis. Dentro da cultura esportiva isso se torna visível através dos discursos de como ser atleta, como se forma um atleta e o que é necessário fazer para tal. Percebemos, assim, que os artefatos da cultura operam constitutivamente em relação aos objetos, sujeitos e verdades de seu tempo.

Das Questões de Pesquisa

Sob o paradigma do Construcionismo Social e dos conceitos utilizados pelos Estudos Culturais, articulo ainda contribuições de Foucault sobre as práticas de subjetivação na formulação das questões da pesquisa.

Considerando que a especialização no esporte marca uma diferença importante na vida dos atletas em relação a outros jovens, procurei investigar como atletas de alto rendimento passam a se pensar e a construir suas identidades a partir de sua prática do esporte, ou seja, quais os sentidos que atletas de alto rendimento passam a produzir em relação a sua prática esportiva e como esta sua experiência passa a constituir suas identidades sociais e culturais.

Para desenvolver esse problema, foram estabelecidas algumas questões norteadoras:

- 1 – Como o jovem que se dedica ao esporte de alto rendimento passa a se inserir, a se pensar na prática do esporte?
- 2 - Quais os sentidos que este jovem produz em relação a sua vida a partir da prática do esporte de alto rendimento e como essa produção de sentidos passa a construir as identidades?
- 3 – Como o atleta passa a se pensar pelo esporte e, a partir dessa prática, a produzir novos modos de subjetivação?

Do Contexto da Pesquisa

A pesquisa foi realizada num clube poliesportivo de Porto Alegre que entre outras atividades, investe em esportes de alto rendimento. Para este fim, tem uma equipe de profissionais composta por: gerente esportivo (administrativo), departamento médico (médicos, fisioterapeutas), técnicos para cada modalidade de esporte, psicóloga e nutricionista.

Os atletas geralmente saem do próprio clube através das escolinhas esportivas (prática de lazer dos sócios) mas também há jovens que são convidados a treinar na equipe (sócio-atleta) e atletas que integram o corpo competitivo mediante uma ajuda de custos. Essa ajuda pode ser tanto de apoio (alimentação no clube, transporte contratado, convênio com escola, moradia) quanto de valor financeiro estipulado por contrato.

Como psicóloga, trabalho em alguns departamentos com a equipe técnica e com os atletas de ponta. Minha intervenção pode ser tanto individual quanto em grupo, dependendo do que é combinado com os técnicos. Dentro do possível, procuro trabalhar integrada aos demais profissionais que também estão em contato com o atleta (nutricionista, fisioterapeuta, médico). Na intervenção individual, costumo realizar algumas entrevistas com o atleta, abordando questões de sua vida, de sua performance de rendimento e o contexto que está vivenciando, entre outras questões necessárias no momento.

Dos Participantes

Os participantes da pesquisa foram escolhidos no Departamento de Natação. Foram selecionados quatro jovens, dois homens e duas mulheres, que se dedicam ao esporte de alto rendimento e que tinham um contrato de ajuda de custos com o clube. Esses

participantes eram universitários, na faixa de 19 a 26 anos, morando em Porto Alegre, com uma boa condição econômica, independentemente de sua fonte financeira ser originária do seu contrato ou de sua família de origem.

Do Método e do Procedimento para a Pesquisa

O trabalho que venho desenvolvendo com os atletas no clube está sistematizado através de entrevistas individuais e/ou trabalhos em grupos em que se abordam questões da vida do atleta, de seu rendimento, das relações que são estabelecidas no local, pressões sofridas, entre outras questões pertinentes à prática do esporte. Essas entrevistas fazem parte da rotina de minha prática e são utilizadas para a discussão posterior.

Para esta pesquisa, depois de escolhidos os participantes e após a concordância dos mesmos, realizei uma entrevista com cada atleta. Essas entrevistas foram abertas e gravadas, com um roteiro flexível em que procurei desenvolver as seguintes questões: como chegou ao esporte de alto rendimento, que motivações estavam envolvidas, como foi sua inserção no esporte, vivências que marcaram sua trajetória, como a família se insere nesse contexto, a questão financeira, os benefícios, dificuldades identificadas para a prática do esporte, ...

Do Método para Análise dos Dados

A análise dos dados fundamenta-se nas discussões teóricas sobre produção de sentidos dentro da perspectiva do Construcionismo Social, elaborada por Spink (1999).

Segundo Spink (1999, p.41), a produção de sentidos

é uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas – na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas – constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta.

Este processo propõe procurar o sentido das informações coletadas na pesquisa através das entrevistas, deixando aflorar todos os sentidos que a população tem sobre o objeto de estudo, sem classificar os dados e posições de pesquisa definidas *a priori* e a teoria que temos disponível.

Nesta pesquisa, a produção dos sentidos que investiguei nos participantes fundamenta-se em questões ligadas à dedicação de jovens ao esporte de alto rendimento. Essas questões referem-se à construção de suas identidades, pois para Spink (1999, p.76) “a investigação construcionista tem como foco principal a explicação dos processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam ou contabilizam o mundo no qual vivem, incluindo a si mesmas”.

A partir das entrevistas realizadas com os participantes e dos discursos dos mesmos, foi organizado o “mapa das associações” proposto por Spink (1999). Nos mapas, os conteúdos são organizados a partir de categorias, mas é preservada a seqüência das falas e identificam-se os processos de interanimação dialógica.

De acordo com essa autora (SPINK, 1999. p.107), os “mapas têm o objetivo de organizar o processo de análise das práticas discursivas em busca da construção lingüística, dos repertórios utilizados nessa construção”. São instrumentos que têm como objetivo subsidiar o processo de interpretação e dar visibilidade aos seus resultados. A partir do recorte de uma das entrevistas, é ilustrado a seguir como se realizou o processo de análise dos dados.

Inserção no esporte	Narcisismo	As mudanças na vida a partir da prática
Eu comecei nadando aqui em P.A. Eu aprendi a nadar aqui, mas eu comecei a competir só... aí eu fui para B., para uma escolinha mais		

<p>forte, passei a competir. Em 88 eu fui morar em B., até 92 morei lá. E comecei a nadar mesmo lá, porque a minha professora, ela foi campeã sul-americana interclubes e eu acho que eu me espelhei nela, né? Eu gostava muito dela também. Só que em 93 eu me mudei para R. e aí lá eu já entrei direto numa equipe de competição. De 93 a 96 foi a arrancada, eu treinava todos os dias.</p>	<p>Então eu tinha muita motivação porque eu sempre estava buscando alguma coisa. No campeonato brasileiro, no primeiro que eu fui eu peguei final, foi bem legal! E eu era uma das melhores que tinha na região, então toda a hora na TV, toda a hora no jornal. E eu tinha uma turma muito legal de amigos. E isso era legal, porque como a cidade era pequena, todo mundo sempre se encontra nos mesmos lugares. Na verdade, metade da cidade fazia natação, metade da cidade ia pro clube no fim de semana. A brincadeira é no clube. Lá é verão o ano inteiro, então a brincadeira no fim de semana era ir para a piscina brincar.</p>	<p>Foi bem legal, eu gostava muito daquela época porque eu acho que eu tinha obrigação mas era minha obrigação... eu me obrigava, entendeu? Não era, eu me obrigava, eu me incentivava, eu me cobrava.... e como eu não tinha mais nada, só o colégio. E o colégio sempre me deu muito apoio: se eu faltava aula, não tinha problema, os professores sempre me incentivaram, meus pais sempre me incentivaram ... então para mim aquela época foi muito bom. Na minha cidade eu era a melhor, para mim era muito gratificante. Daí passou um ano e eu comecei a treinar pentatlo.</p>
---	--	---

A partir dos mapas de associações, observaram-se quais são os sentidos produzidos sobre questões desta pesquisa. Novas temáticas foram emergindo ao longo do discurso do sujeito. Num segundo momento, esses dados foram relacionados e discutidos com os aportes da literatura referentes à prática do esporte de alto rendimento, modos de subjetivação e construção de identidades.

Todo esse processo contribuiu para que se organizassem os sentidos que a população investigada produz sobre o objeto de estudo, o que concorreu para a construção de conhecimentos sobre questões mais amplas como os modos pelos quais o esporte de alto rendimento interpela os sujeitos envolvidos na sua prática, os dispositivos da instituição esportiva e seus efeitos na subjetividade dos atletas. Foram essas as questões que originaram os grandes temas que constituíram os resultados deste estudo.

(D)A HISTÓRIA E (D)O ESPORTE

Quando me proponho a pensar como se constrói o sujeito atleta dedicado ao esporte de alto rendimento, penso ser importante contextualizar a emergência do esporte contemporâneo no seu contexto histórico. Não pretendo fazer uma revisão de fatos históricos seguindo uma ordem cronológica, mas procurar entender quais dispositivos⁵ os atravessam e que foram constituindo esse sistema esportivo contemporâneo. Para tanto, procuro evidenciar questões relacionadas às diferentes práticas corporais na história, relacionar o fenômeno esportivo aos movimentos sociais e culturais bem como o papel da mídia em seu processo de espetacularização.

Apresentar esses diversos acontecimentos é buscar discutir as práticas que foram instituindo o sistema esportivo contemporâneo, para que adiante possa problematizar como a cultura esportiva interpela os sujeitos atletas. Entendendo que as identidades e os modos de subjetivação são produzidos no interior dessas práticas, que são significadas pelos sujeitos e produzidas em locais históricos e institucionais específicos, atentar para essas práticas auxilia a discutir o processo de construção do sujeito atleta de alto rendimento.

Na Antigüidade Clássica, os Jogos Olímpicos serviam como elemento de coesão grupal entre as cidades gregas. O corpo era glorificado pelo Estado chegando os atletas olímpicos a ter regalias tais como isenção de impostos, pensões vitalícias, escravos, etc. A

⁵ O conceito de dispositivo é discutido no próximo capítulo.

divisão entre corpo e alma era bem acentuada e os homens eram valorizados por serem belos, bons, saudáveis e férteis. A perfeição só era conseguida também com a beleza do corpo e por isso a educação integral dos gregos incluía a educação física. A competição era considerada um princípio vital e o rendimento, ambicionado. A rivalidade era parte da essência da vida e o valor de uma competição não residia exclusivamente nos resultados, mas no sentimento que inundava corpos e espíritos durante o instante supremo da competição (RÚBIO, 2001; SIEBERT, 1995; SILVA, 1996).

Nos primeiros séculos da Era Cristã, observou-se um cuidado maior com o corpo e uma atenção maior para a atividade sexual, aproximando o corpo das doenças e do mal em si. As práticas corporais e os exercícios procuravam ampliar o controle sobre si (FOUCAULT, 1985).

Na Europa Feudal, com a dominação da Igreja, a relação do sujeito com seu corpo passou a ser carregada de preconceitos e culpa. O bem da alma era oposto ao corpo e, nesse sentido, preocupar-se com as práticas corporais era afastar-se das coisas da alma. A influência da Igreja cancelou os Jogos Olímpicos, pois toda a cultura corporal era bastante desprestigiada. A crença de um mundo regido por leis divinas afastava dos indivíduos a autonomia necessária para realizarem um cuidado de si, pois tudo ficava a cargo de Deus (SIEBERT, 1995; SILVA, 1996).

Durante o período da Renascença, houve uma redescoberta do corpo, evidenciada nas artes e nas próprias vestimentas e adereços. O corpo, seus movimentos e enfeites passaram a adquirir um código de valores. O sujeito passou a demonstrar externamente suas riquezas. Anteriormente a relação do corpo era fundamentalmente consigo próprio, ao passo que no período renascentista, o corpo passou a ter importância na relação travada com o outro (SILVA, 1996).

O surgimento do esporte moderno se deu no âmbito da cultura européia por volta do século XVIII, expandindo-se posteriormente ao resto do mundo. Resultou de um processo de esportivização de elementos da cultura corporal de movimentos das classes populares e da nobreza inglesa. Até o final desse século, o esporte era praticado somente pela aristocracia, mas, com a ascensão da burguesia, o esporte foi se estendendo para outras camadas sociais. Por outro lado, os jogos populares eram ligados às festas da colheita, às questões religiosas e acabaram por perder sua função com o advento da industrialização e urbanização. Essas práticas populares seriam retomadas posteriormente com propósitos higienistas durante a Revolução Industrial.

Até a metade do século XVIII, observou-se que o discurso médico se coadunava com o discurso da Igreja, traduzido na necessidade de domesticar o corpo, gerando pedagogias que visavam a subjugar-lo. A partir da Revolução Francesa e com a estruturação do Capitalismo, observou-se que o corpo não era mais aquele que se esforçava ou não para ser feliz e realizado (como os gregos), que se punia ou se salvava (na era cristã), que era nobre ou vassalo (no feudalismo), mas passou a ser tido como mercadoria, como a concretização da força de trabalho. O corpo devia ter características de docilidade e utilidade para que pudesse produzir o necessário. É o chamado período de adestramento dos corpos, em que a medicalização da sociedade avançava com seus ideais eugenistas. Os agentes de saúde e de ordens religiosas se encarregavam de atuar na higienização e ordenamento dos corpos, em que a disciplina era a palavra de ordem, na tentativa de organizar o corpo social que se agigantava nas cidades. O grande acúmulo de pessoas nas fábricas e cidades, as precárias condições de moradia e saneamento básico punham em risco a saúde da população.

O esporte contemporâneo se iniciou com a Revolução Industrial, respondendo às necessidades da burguesia de controlar as populações e assegurar a produtividade. Através da promoção de hábitos higiênicos, campanhas difundindo o exercício físico, a criação de espaços ao ar livre, a implantação do exercício ginástico obrigatório, foi sendo forjado um modelo de operário-soldado-esportista (BRACHT, 1997; FOUCAULT, 1993; RÚBIO, 2002; SILVA, 1996).

O esporte passou a ser fundamental para os filhos da burguesia, futuros líderes, que precisavam adquirir bons hábitos de disciplina e liderança, passando a ocupar o tempo livre desses estudantes. Instituiu-se nos currículos escolares a prática obrigatória do esporte com o argumento de formar o caráter dos futuros dirigentes sociais. Nas escolas públicas ocorriam os jogos organizados - que formavam os futuros líderes empreendedores e bons oficiais militares - enquanto nas escolas primárias, o sistema ginástico formava bons operários e soldados, talhados na disciplina e nos efeitos fisiológicos do exercício sistemático (RÚBIO, 2001). Na Era Vitoriana houve uma associação entre personalidade⁶ e aparência criando a necessidade do recato, do cobrir-se numa tentativa de evitar que a personalidade se manifestasse no espaço público. Esta concepção centrava-se na idéia de que a aparência externa exprimia o homem interior, de que as ações públicas revelavam a personalidade íntima do agente, destruindo os limites entre vida pública e privada. Sennett (apud LASCH, 1983) relata o medo de se mostrar, de revelar, inadvertidamente, por meio de suas ações, expressões faciais e detalhes de roupas, numa clara alusão à influência dos conceitos psicanalíticos da época. Havia um encorajamento em escrutinar a si e aos outros em busca de detalhes involuntários reveladores. Desse modo, os métodos ginásticos foram

⁶ Com a emergência da Psicanálise, a personalidade passa a ser entendida como o conjunto de características e traços pessoais, capazes de serem conhecidos tanto nos seus aspectos conscientes quanto inconscientes.

bastante valorizados nesse período, visando ao controle do corpo e moldando-o a uma postura de severidade e correção. O objetivo do exercício deixava de ser atingir a alma, mas fazer com que os indivíduos adotassem um comportamento moralmente aceito pela sociedade. O discurso médico foi se afastando do religioso – não se preocupa mais com a alma – e se tornou cada vez mais higienista, preconizando a saúde e, por consequência, uma melhor aparência física, uma aparência mais saudável. A associação entre saúde e estética foi sendo construída. Conforme relata Del Priore (2000), desde o início do século XIX, na Europa eram incentivados os exercícios ginásticos e alardeados os benefícios morais e físicos da atividade física. A ligação entre histeria e melancolia com a falta de exercícios ajudava a construir a idéia de que um corpo saudável era um corpo dinâmico, elegante e magro.

Segundo Silva (1996), gradativamente as práticas corporais se distanciaram do discurso médico e passaram a buscar o prazer, a liberação do corpo e o bem-estar. Os ideais de rendimento e controle se difundiram na sociedade através do trabalho industrializado e influenciaram na imagem de corpo dominante. Del Priore (2000), ao estudar a história das mulheres brasileiras, explica que nessa época a magreza ficou simbolizada como algo de libertário na medida em que as próprias vestimentas se tornaram mais leves, os vestidos mais curtos e estreitos, fazendo as mulheres mais ágeis e leves. As peles rosadas pela possibilidade de praticar atividades esportivas ao ar livre contrastavam com a tez amarelada das mulheres confinadas em casa e que já não eram mais valorizadas.

O esporte, por sua vez, foi-se autonomizando das instituições militares e religiosas. O processo de modernização dos séculos XIX e XX – industrialização, urbanização, tecnologização dos meios de comunicação e de transportes, aumento do tempo livre - promoveu o desenvolvimento e a expansão do esporte. Esses aspectos estão inseridos no

processo mais amplo de secularização e racionalização que caracteriza a sociedade moderna. A própria burocratização do século XIX favoreceu o surgimento de clubes e associações que promoviam competições. Esportivou-se uma série de práticas corporais e logo se passou a explorar comercialmente os eventos esportivos, surgindo o profissionalismo. A prática corporal voltada ao rendimento e à competição se expandiu da Inglaterra para o continente europeu a partir de meados do século XIX e se transformou no conteúdo hegemônico em nível mundial durante o século XX.

Nesse sentido, o Movimento Olímpico Moderno, pautado no modelo grego, veio com o propósito de universalizar a instituição esportiva. O Barão de Coubertin - educador, pensador e historiador - se empenhou na reorganização dos Jogos Olímpicos, com o objetivo de priorizar os aspectos pedagógicos do esporte grego e não somente as conquistas de marcas e quebras de recordes. Assim, seus ideais humanistas eram refletidos na competição leal e sadia, no culto ao corpo e à atividade física que serviram de base ao Olimpismo⁷. A organização dos Jogos Olímpicos exigiu a criação de um comitê com representantes de várias nacionalidades que pudesse decidir as modalidades e as regras que norteariam os jogos, o que gerou a criação do Comitê Olímpico Internacional (COI), presente até hoje nas decisões importantes sobre os rumos do esporte competitivo. O Movimento Olímpico Moderno pode ser considerado o principal propulsor da internacionalização do esporte, pois vinculou-o à categoria de nação e, com isso, a uma forte politização do esporte. Rapidamente foi difundida a idéia de que o rendimento esportivo objetivamente mensurado simbolizava também o poder de uma nação. Os

⁷ A Carta Olímpica apresenta o conceito de Olimpismo no Princípio Fundamental nº 2 enquanto “uma filosofia de vida que exalta e combina em equilíbrio as qualidades do corpo, espírito e mente, combinando o esporte com cultura e educação. O Olimpismo visa a criar um estilo de vida baseado no prazer encontrado no esforço, no valor educacional do bom exemplo e no respeito aos princípios éticos fundamentais universais.” (RÚBIO, 2001, p.130)

governos passaram a investir no esporte visando também a esse valor político e durante a Guerra Fria essa vinculação foi levada a extremos (BRACHT, 1997; RÚBIO, 2001).

No período Entre Guerras, a valorização do consumo e a mídia passaram a ter um papel fundamental na construção da imagem corporal. O corpo passou a ter maior exposição ao freqüentar praias e acampamentos (possibilitados pelas férias remuneradas), saindo do domínio privado para o público. O investimento não era mais no controle-repressão do corpo, mas no controle-estimulação, pois os sujeitos queriam viver sua liberdade e sexualidade e, para isso, investiam em produtos que lhe trouxessem essa possibilidade, como por exemplo produtos de beleza, filmes, vestuário (SILVA, 1996).

A ciência e tecnologia também contribuíram para a institucionalização do sistema esportivo através da disseminação pelos meios de comunicação de massa e pelo desenvolvimento das chamadas ciências do esporte (incluindo aqui a própria escola responsável por difundir essas práticas esportivas). O discurso legitimador da instituição esportiva centrou-se na educação, na saúde e na confraternização entre os povos. A secularização se completou quando o esporte se transformou em objeto de consumo de massa. O progressivo investimento em locais para sua prática, a sua disseminação, etc. criou a crescente necessidade de manter registros de vitórias e, conseqüentemente, de medir o desempenho eficiente. A inclusão do esporte na imprensa gerou um salto de popularidade, passando a ser vendido como entretenimento, principalmente com o advento da televisão após a II Guerra.

Numa sociedade dominada pela produção e consumo de imagens, nenhuma parte da vida pode continuar imune à invasão do espetáculo nem mesmo o esporte com seus ideais de Olimpismo. O surgimento do lazer como mais uma possibilidade de mercadoria faz do esporte mais um objeto da indústria (BRACHT, 1997; LASCH, 1983).

A mídia passa a representar um papel fundamental nas questões ligadas ao corpo, pois preconiza um modelo de magreza, argumentando que cada um tem o corpo que merece. Assim, institui-se que cada um tem a possibilidade de produzir o seu próprio corpo. A esportividade se torna um valor ou uma norma de comportamento socialmente válido, esperado e, de certa forma, exigido. Segundo Couto (2001, p.38),

O cuidado com o corpo celebra a cultura higienista e despórtica. E esta celebração, como revelam Lipovetsky, Baudrillard e Maffesoli, é a principal estratégia publicitária para banir o caráter do dever e da obrigação que no passado cercavam os hábitos de higiene e manutenção corporais. A antiga liturgia dos deveres, acompanhada de rígida disciplina, é substituída pela sedução. A limpeza do corpo e as práticas esportivas traduzem o dinamismo energético dos seres.

De acordo com Bracht (1997), a mercadorização do esporte se dá basicamente em duas dimensões: na espetacularização do esporte e seus sub produtos e nos serviços criados a partir de sua prática. O Olimpismo, diante desse quadro, é uma atitude em extinção no Mundo Olímpico atual, pois o esporte de alto rendimento visa muito mais à capacidade de gerar remuneração financeira para todos os envolvidos do que preconizar a solidariedade e respeito mútuo. É por isso que somos tomados de surpresa, quando ocasionalmente é exaustivamente transmitido pelos meios de comunicação um gesto solidário de um adversário durante uma competição importante.

Rúbio (2002) considera que o amadorismo e o *fair-play*⁸ foram norteadores do esporte ao longo do século XX até aproximadamente os anos de 1970, quando a relação dinheiro e desempenho esportivo passaram a ter mais importância. A profissionalização desencadeou uma transformação na organização do esporte, levando-o a se tornar uma carreira profissional cobiçada e uma opção de vida para jovens habilidosos e talentosos.

⁸ O *fair-play* designa um tipo de conduta ou conjunto de princípios éticos que orientam a prática esportiva, denominado pelo senso comum de “espírito esportivo” ou “jogo limpo”.

Atletas consagrados atualmente gozam de um destaque social como os grandes artistas e pessoas públicas.

O esporte neste século deixou de ser apenas uma competição para se tornar definitivamente um espetáculo não somente entre os competidores mas entre as empresas e laboratórios que patrocinam a competição. Rúbio (2001) denomina esta etapa de pós-Olimpismo, caracterizando-a por abolir o amadorismo e por adequar o *fair-play* às necessidades de convivência com os patrocinadores, espaço comercial e novas regulamentações. Portanto, já não é mais sedutor recrutar atletas para dedicarem-se ao esporte de alto rendimento somente com o apelo de representar o país, mas o esporte deve recompensá-los financeiramente de modo a lhes proporcionar acesso a outros prazeres.

A partir desta pequena contextualização histórica, percebemos como a dimensão cultural é fundamental para entendermos a construção do corpo e a construção do corpo atlético. Para pensar o processo de subjetivação dos atletas de alto rendimento, é necessário ter em mente o próprio processo de construção deste esporte através da história.

O atleta de alto rendimento está intimamente conectado a uma série de discursos que formam os sentidos do que ele é. Tentar desvendar essa trama é também pensar alguns dos dispositivos do esporte que interpelam este sujeito e aqueles nele envolvidos.

(D)OS DISPOSITIVOS E (D)A SUBJETIVAÇÃO

O fio condutor deste capítulo ancora-se na discussão dos dispositivos do esporte de alto rendimento e na problematização dos modos como os atletas são subjetivados pelo esporte, nos modos pelos quais são interpelados e vão construindo suas identidades. Para tanto, inicio com algumas discussões teóricas a respeito do processo de subjetivação e do que se compreende como dispositivos para então relacioná-los ao esporte.

Foucault (1988, p.15), ao analisar a experiência de si, diz que o objetivo é “...analisar, não os comportamentos, nem as idéias, não as sociedades, nem suas ‘ideologias’, mas as *problematizações* através das quais o ser se dá como podendo e devendo ser pensado, e as *práticas* a partir das quais essas problematizações se formam.”

Para Larrosa (1995), há um enlace entre “subjetividade’ e “experiência de si mesmo”, pois a produção do sujeito se dá através das formas de subjetivação que constituem sua própria interioridade na forma de sua experiência de si mesmo.

Alguns autores, como Birman (2000) e Passos (informação verbal),⁹ nos ajudam a compreender a subjetividade, ao explicar que ela não é nem um dado nem tampouco um ponto de partida, mas algo da ordem da produção. Assim, ela não estaria na origem, como

⁹ Comunicação verbal durante o Curso de Extensão: “Por uma clínica do social: relações entre a esfera pública e privada na Psicologia”, promovido pelo PPG/PUCRS em março de 2002.

uma invariante encarada de maneira naturalista, mas como ponto de chegada de um processo complexo, isto é, de um devir. Portanto a subjetividade deveria ser considerada no plural - subjetividades, perdendo o caráter de fixidez. Considerar as formas de subjetivação é insistir na dimensão de produção do sujeito que não seria mais origem e invariante, mas historicamente regulado. É nesse sentido que se considera que não é mais o sujeito, mas uma subjetivação, pois se a subjetividade é entendida como potência de criação de si, de devir, ela é uma operação infinita de produção de si. Assim, a idéia de processualidade fica evidente, num contínuo processo de sendo, se fazendo (considerar o verbo no gerúndio). Todo o si advém como efeito de produção e, nesse sentido, entendemos que não há mais um agente criador, uma origem que gera um si, pois estamos num plano de imanência e não mais num plano de transcendência.

Subjetivação assim é entendida como produção discursiva da cultura, como os modos de ser, como os modos pelos quais o sujeito se observa e se reconhece como um lugar de saber e de produção de verdade.

Quando pensamos em “formas de subjetivação”, tratamos de um conjunto de operações orientadas à constituição e à transformação da própria subjetividade. Essa transformação ocorre ao se produzir, capturar ou mediar alguma relação da pessoa consigo mesma. Sendo assim, os sujeitos não são considerados como objetos silenciosos, mas como sujeitos falantes e confessantes. A verdade sobre si mesmos não será imposta de fora, “mas em relação a uma verdade sobre si mesmos que eles mesmos devem contribuir ativamente para produzir” (LARROSA, 1997, p.55). Assim como as identidades são o “outro” no exterior, a subjetivação é esse outro ser experimentado como um “outro em si

mesmo”, um estranhamento, uma perturbação e uma transformação de determinados modos de ser (GUARESCHI, 2002).

O conceito de dispositivo é importante neste contexto, se o entendermos como qualquer lugar no qual se constitui ou se transforma a experiência de si, qualquer lugar no qual se aprendem ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo. Assim, a história das formas nas quais os seres humanos constituíram narrativamente suas vidas é também a história dos dispositivos que fazem os seres humanos contar-se a si mesmos de determinada forma, em determinados contextos e para determinadas finalidades (LARROSA, 1997). Neste estudo, portanto, são considerados na discussão os dispositivos do esporte como aqueles capazes de transformar a experiência de si dos atletas de natação pesquisados.

A noção de identidade, tal como entendida pelos Estudos Culturais, necessita ser retomada para que se compreendam as articulações entre o processo de construção de identidades, os modos de subjetivação e suas relações com o sistema esportivo contemporâneo.

Hall (2000a, 2000b), para tratar da questão da identidade, nos remete à noção do sujeito na pós-modernidade. O sujeito do Iluminismo, que era visto como tendo uma identidade fixa e estável (“quem se é”), com o advento da pós-modernidade, passa a ser descentrado e, portanto, com identidades abertas, contraditórias, inacabadas e fragmentadas (“em quem pode se tornar”). As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e estruturas. Nesse sentido, a identidade é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Hall (2000b) e Silva (2000) ao tratar o tema da identidade, trabalham junto com a questão indissociável da diferença. Identidade e diferença não são essências, algo interior e central no sujeito, que estão à espera de serem descobertas, mas são produzidas no contexto da relação cultural e social. O sonho iluminista de uma natureza humana boa e homogênea não é mais compatível com o mundo social polimorfo, múltiplo e construído por diferentes. Nem mesmo a globalização contribui para a pretendida unificação. Ao contrário, ela tem auxiliado para a crescente heterogeneidade e pluralidade culturais¹⁰ (VEIGA-NETO, 2000).

Identidade e diferença são atos de criação lingüísticas e, portanto, têm de ser nomeadas. Identidades não são unificadas, não são singulares, mas multiplamente construídas ao longo dos discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. Pensando a cultura no plano simbólico, trabalha-se na perspectiva de produção de significações e, portanto, a cultura como

“constituidora de visões de mundo, que ao passo que se constitui como tal, constitui posições-de-sujeito no mundo. (...) as práticas culturais são constituidoras de identidades e subjetividades. A cultura não se trata de um anexo, mas sim, de uma interpeladora, recrutando-nos a determinadas posições-de-sujeito.”¹¹ (BERNARDES e HOENISCH, 2003)

Woodward (2000) nos esclarece melhor esse conceito quando o integra ao que Bordieu chama de “campos sociais”, entendendo-os como as diferentes instituições pelas quais circula o indivíduo – escola, família, amigos, etc. Em cada campo social, são

¹⁰ Hall (1997) complementa essa questão com a idéia de criação de identificações alternativas híbridas (conceito emprestado de Homi Bhaba). Pierucci (1999) faz uma articulação interessante valendo-se de Stuart Hall, para tratar a diferença e semelhança entre o global e o local, que já não é mais estável e válida para toda a vida humana, mas opera dentro da lógica da globalização.

¹¹ Posições-de-sujeito não nos remetem a papéis sociais, mas à interpelação da cultura em recrutar indivíduos ou grupos a ocuparem determinadas posições. Assim, quando um sujeito se identifica com um discurso, tomando-o como verdade, se sujeita a determinadas significações que o tornam o que é. Por exemplo, não se fala do papel da mulher na sociedade, mas de diferentes modos de ela se tornar o que é pelo discurso, pela imposição de sentidos (BERNARDES e HOENISCH, 2003).

exercidos graus variados de escolha e autonomia, mas para cada um deles há um espaço e um lugar carregado de recursos simbólicos à nossa disposição. Ainda que nos sintamos a “mesma pessoa” em diferentes interações, somos diferentemente posicionados, dependendo das expectativas e restrições envolvidas em cada uma dessas situações, naquele momento. “Em certo sentido, somos posicionados – e também posicionamos a nós mesmos – de acordo com os campos sociais nos quais estamos atuando” (WOODWARD, 2000, p.30).

A identidade e a diferença são marcadas pela linguagem, resultados de um processo de produção simbólica e discursiva, e tal como a linguagem, são marcadas pela instabilidade e indeterminação. O processo de produção de identidade oscila entre dois movimentos: de um lado a tendência à fixação e estabilização e de outro a tendência a subvertê-la e desestabilizá-la. Assim como a linguagem, a identidade está sempre deslizando. A tendência por fixar a identidade acaba levando a essencialismos, quando na verdade é um conceito estratégico e posicional (SILVA, 2000).

Nesse sentido, a identidade do atleta está intimamente imbricada a outras categorias como gênero, raça, escolaridade, classe social,... e é nesse contexto que adquire sentido. “Não se pode pensar que haja um ponto central de onde o discurso parta livre de qualquer influência para daí, então, espalhar-se e preencher a mais ínfima porção do corpo social” (FRAGA, 2000, p.89).

Hall (1997, 2000) recupera o conceito de representação, articulando-o com a identidade e diferença. Para ele a representação pós-estruturalista rejeita conotações mentalistas ou qualquer associação com uma suposta interioridade psicológica. Ela é concebida unicamente em sua dimensão de significante, como pura marca material, como

traço exterior. Incorpora, ainda, as características de indeterminação, ambigüidade e instabilidade atribuídas à linguagem. É uma forma de atribuição de sentido como qualquer sistema de significação. Diz Hall (1997, p. 27):

Devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora dela. Elas são o resultado de um processo de identificação que permite nos posicionarmos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles). Nossas chamadas subjetividades são, então, produzidas parcialmente de modo discursivo e dialógico. Portanto, é fácil perceber por que nossa compreensão de todo este processo teve que ser completamente reconstruída pelo nosso interesse na cultura; e por que é cada vez mais difícil manter a tradicional distinção entre “interior” e “exterior”, entre o social e o psíquico, quando a cultura intervém.

Identidade e diferença passam a existir a partir da representação e se ligam a sistemas de poder. Representar significa, neste caso, dizer “a identidade é isso” e quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade. “Questionar a identidade e diferença significa, neste contexto, questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e significação” (SILVA, 2000. p.91).

As diferenças que se estabelecem vão produzindo identidades hegemônicas que, na concepção de Veiga-Neto (2000), reduzem a complexidade do mundo à marcação, à categorização e à hierarquização de diferenças bipolares. Estas acabam por se tornar naturais, perdendo a noção de que assim se estabeleceram por uma questão cultural que envolve disputas, acordos, alianças. Quando se naturalizam diferenças, se fixam os marcadores identitários e se busca “normalizar” a todos os diferentes. O risco que se corre ao marcar a diferença é de estabelecer um juízo de valor.

A abordagem discursiva vê a identificação como um processo nunca completado, em construção. Está sujeita ao jogo da diferença, uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado

de fora – o exterior que a constitui. Não é possível, assim, falar de uma positividade do ser sem relacioná-la ao que é da ordem deste não-ser (GUARESCHI, 2002; HALL, 2000b).

O processo de construção das identidades sempre se refere a um outro. E é esta diferença estabelecida pelo sujeito através das políticas de identidades, aqui entendidas como as formas de problematizar experiências de vida e de buscar reconhecer a produção de sentidos, a luta por imposições de sentidos hegemônicos. Desse modo, as políticas de identidades procurarão compreender a complexidade e as contradições da produção dos estatutos identitários e, por conta disso, dos processos de subjetivação (GUARESCHI, 2002).

As políticas de identidades vão sendo produzidas no interior de certas práticas de significação e, segundo Guareschi (2002), vão adquirindo uma materialidade discursiva real nos espaços de articulação, de hibridização de sentidos em que se encontra em jogo uma multiplicidade de categorias referenciais que se fazem a todo o momento, marcando e constituindo novas formas de os grupos sociais definirem a si próprios e serem definidos pelos outros. Não se trata, portanto, de um processo dialético em que dois termos originais e antagônicos são combinados e sintetizados em um terceiro termo. Pelo contrário, referimos que os espaços de articulação, de hibridização envolvem uma polifonia de sentidos que são produzidos cotidianamente e que implicam não o fortalecimento de uma ou outra identidade, mas a desestabilização contínua dos marcadores identitários, pela produção contínua da diferença.

Para Hall (2000b, p.112), identidade significa

o ponto de sutura entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”.

Assim sendo, o que é denominado identidade pode ser considerado como as diferentes posições ou identificações que adotamos através do tempo e que procuramos viver e adotar como se fossem de “dentro”, mas que são derivadas de um conjunto de circunstâncias, sentimentos, experiências vivenciadas através da cultura. As diferentes “posições de sujeito” que ocupamos são respostas aos apelos dos sistemas de significação que nos interpelam e pelos quais desejamos (consciente ou inconscientemente) nos identificar (HALL,1997).

Silva (2000, p.97) resume o conceito como

a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder.

Desse modo, mais do que poliprismática, a identidade desvanece em fluidez, promulgando que a história do “eu” é um constante reconfigurar-se, um devir (GUARESCHI, 2002).

Larrosa (1995, p.69) contribui para entendermos o enlace entre identidade e subjetividade, ao dizer que “é contando histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que nos damos a nós próprios uma identidade no tempo”.

Ao escutar as histórias contadas pelos atletas, fui percebendo como a escolha por uma carreira voltada ao esporte de alto rendimento é permeada por contradições e ambivalências. Ainda que produzam diferenças importantes com os modos de vida de jovens não-atletas, as escolhas são consideradas tanto em seus aspectos positivos quanto negativos e os dispositivos do esporte vão transformando a experiência de si desses jovens.

Se eu começasse tudo de novo eu faria de novo, sabe. Eu não me arrependo de nada e ponto.

A rede de significações em torno do esporte de alto rendimento vai se constituindo e capturando a todos os sujeitos nela inseridos e se lembrarmos o conceito de centralidade da cultura discutido anteriormente, percebemos o quanto o esporte vai instituindo modos de viver, de ser e de compreender o mundo desses sujeitos. Dessa forma a cultura instiga os atletas a serem como dizem que são. As práticas de subjetivação vão se tornando visíveis no processo de inclusão no esporte de alto rendimento. O desafio a que me proponho é desvendar alguns dos dispositivos do esporte capazes de transformar a experiência de si desses jovens atletas de natação, que se dá por um processo constante de diferenciação em relação ao outro hegemônico na nossa cultura.

Para problematizar este processo, me apóio nos conceitos trabalhados pelos Estudos Culturais. Discuto alguns vetores de subjetivação tais como as relações sociais estabelecidas pelos atletas, a relação de trabalho que se instaura com o esporte, o narcisismo que permeia esse processo e a produção do corpo atlético. Tais dispositivos interpelam esses jovens e produzem um constante paradoxo que é discutido ao longo do capítulo. Tal paradoxo é aceito visto que esse processo de construção de identidades, entendido a partir dos Estudos Culturais, não pressupõe uma linearidade, mas comporta questões antagônicas e divergentes. Portanto, não se considera é ou não é deste modo, mas é deste modo e mais daquele outro também.

O esporte e o relacionamento social

Ao pensar nos dispositivos do esporte, é imprescindível colocar em evidência o contexto social, as relações sociais (familiares, amigos, pares, colegas de treinamento, técnico) estabelecidas pelos atletas. Relações essas aqui entendidas como um Outro, como aquelas que possibilitam ao sujeito atleta se pensar nas suas diferenças em relação a outros grupos considerados hegemônicos em nossa cultura. Desse modo, pretendo discutir como esses relacionamentos contribuem no paradoxo constante vivenciado por esses jovens e evidenciar os jogos de poder¹² imbricados nesse processo. O caráter paradoxal se instala uma vez que estando no processo de competição do alto rendimento, passam a produzir diferenças importantes em relação a esses outros e o caráter paradoxal é percebido na eterna luta tanto para abdicar quanto para demarcar essas diferenças. Para tanto, discuto inicialmente alguns modos como o sujeito é capturado pelo esporte de alto rendimento, mostrando como passam a ser marcadas diferenças em relação aos outros considerados hegemônicos. A partir daí, abordo alguns relacionamentos estabelecidos com os familiares, com os amigos e com o técnico, discutindo alguns de seus efeitos no processo de construção de identidade do atleta.

O sujeito que se dedica ao esporte de alto rendimento é capturado pelo discurso esportivo que tem o poder de provocar efeitos importantes já desde a sua inserção. O processo de chamamento ao esporte é fator fundamental dessa relação com o jogo de poder que captura o sujeito.

A iniciação no esporte competitivo vai se dando de forma gradativa, geralmente por influência de pessoas importantes na vida da criança:

¹² Poder aqui é entendido com base em Foucault (1993), considerando que os efeitos provocados no indivíduo tornam-se imperceptíveis a medida em que o poder do discurso penetra na vida e é tomado como algo “natural”.

Eu comecei a nadar, primeiro por uma escolinha, porque meu pai já nadou, e daí meu irmão começou na escolinha, aquela de irmã mais nova imitar o irmão mais velho.

É muito comum a iniciação ocorrer por estímulo dos pais que já foram praticantes quando jovens e que passam a estimular seus filhos para que tenham a mesma experiência.

Outras vezes a influência pode ser a experiência de um parente próximo:

Eu comecei com 9 anos por causa de um primo meu, que nadava e tal... convidou a gente para brincar sabe assim... Daí meu pai se queixava da gente o dia inteiro em casa parado, né. Aí tipo para não ficar parado sem fazer nada, levou a gente para nadar.

O discurso da organização esportiva contemporânea é hegemônico em transmitir os benefícios de sua prática. Se pensarmos em termos de centralidade da cultura, percebemos como os valores desta cultura são constitutivos dos sujeitos e permeiam todas as relações dos atletas desde o início já dentro da própria família. O próprio discurso esportivo da contemporaneidade envolve valores como sucesso, força, superação de limites, vitória e supremacia. A exigência pela boa performance, o elevado grau de competitividade e a tolerância às frustrações e ao estresse são características que o ser humano encontra no seu dia-a-dia e em suas relações pessoais. O discurso esportivo tem propagado que pode atuar como meio de canalização destas características, tornando-se mais um atrativo para que o sujeito “se prepare” para a vida e o mercado de trabalho competitivo em que vivemos atualmente.

Pessoas diversas funcionam como modelo de identificação nesse período de início: parentes, professores e até mesmo exemplos expostos pela mídia, que refletem os valores preconizados pela cultura esportiva de saúde, sucesso, vitórias:

E comecei a nadar mesmo lá, porque a minha professora ela foi campeã sul-americana interclubes e eu acho que eu me espelhei nela, né?

Atualmente muitos atletas são tratados como celebridades e a própria carreira pode ser concebida como uma alternativa de trabalho para muitos jovens e suas famílias. É muito comum, principalmente em esportes considerados profissionais como o futebol, as famílias serem sustentadas com a remuneração obtida pelo atleta através do esporte. A questão financeira, portanto, pode ser um fator importante para que a família estimule a criança a inserir-se no esporte de alto rendimento. Na natação, ainda que a remuneração não seja tão significativa, ela abre a possibilidade de o atleta viajar, estudar em escolas particulares, ou mesmo ter outros tipos de auxílio como alimentação, estudo ou material técnico. Essa questão é melhor discutida quando problematizamos o dispositivo trabalho.

A iniciação também ocorre por influência do discurso médico, muitas vezes por uma indicação explícita para a prática:

Eu comecei mais assim pra que, eu era pequeno, tinha uns 6, 7 anos e eu lembro que eu era hipotônico, né, eu tinha hipotonia. Então aí o médico pediatra, ele me recomendou fazer alguma atividade física, a natação seria o mais indicado.

Atualmente percebemos que os discursos da saúde, do bem-estar e da qualidade de vida se coadunam perfeitamente com a prática esportiva regular iniciada já na infância. Cada vez mais o esporte se torna prática totalmente inserida na vida das pessoas. O poder desses discursos tornou o exercício uma verdade e até mesmo uma exigência difícil de ser questionada. Se o esporte está tão atrelado à saúde e ao bem-estar, fica ainda mais fácil inserir-se nesse sistema esportivo competitivo, pois reforçam-se os benefícios que essa prática traz consigo. Não quero aqui julgar se esse discurso tem sua validade ou não, mas pôr em evidência seu poder de interpelação a todos aqueles com ele envolvidos.

Após a iniciação no esporte, o chamamento ao processo competitivo é uma questão de tempo:

Daí tipo, deu duas semanas e teve uma competição... Daí a gente se saiu bem ,(...) já ganhei numa categoria assim, com uma outra gurizada assim... Aí eu já entrei para a equipe. (...) Daí já chamaram nós para a equipe da escola lá. Daí depois foi indo progressivo até hoje, devagarinho.

Ao incluir-se no processo competitivo, o jovem passa a sofrer uma pressão pela especialização na modalidade esportiva por parte principalmente dos envolvidos diretamente com a atividade - professores, técnicos, dirigentes, pois já é do próprio sistema esportivo buscar novos talentos desde a sua formação:

Aí minha mãe me matriculou na nataçãõ, mas eu gostava mais de jogar futebol, daí eu fazia duas vezes por semana futebol e três vezes por semana nataçãõ. [...] E aí eu comecei a me destacar na nataçãõ e no futebol também, eu tinha que escolher né? Tá, futebol ou nataçãõ?

Geralmente esse momento de escolha por dedicar-se a apenas uma modalidade é vivido com muitas dúvidas, pois é o marco no qual o sujeito vai “optar” por abrir mão de determinadas práticas (esportivas, sociais, etc.) em favor da especialização na modalidade esportiva escolhida. É aqui que começam a ser marcadas as diferenças em relação às outras crianças e jovens não-praticantes do esporte competitivo:

Porque eu ia na (nome da escola) e aí o professor “Ah, quem sabe tu vem nadar todos os dias aí e tal”, e aí eu, tá, bom, aí eu tive que largar o futebol, né? Daí eu larguei o futebol e comecei a treinar todos os dias.

Após fazer uma opção, fica difícil escolher novamente, pois o sistema vai capturando o sujeito e inserindo-o nas práticas específicas daquela modalidade. O professor começa a incentivar a prática, a criança começa a ter resultados satisfatórios, os pais se orgulham e incentivam ainda mais. O técnico percebe o talento e o convida a treinar em equipe, o clube passa a oferecer cada vez melhores condições de treinamento. Desse modo, vão se constituindo condições para que o sujeito seja definitivamente capturado pelo discurso do esporte de alto rendimento:

Aí eu comecei a me destacar tal, daí ganhei estadual aqui na (nome da escola). Aí eu achei melhor que tinha que vir pra um clube grande. [...] Aí depois da Olimpíada ele (o técnico da equipe principal) me chamou, foi chamando uns, me chamou também, aí comecei a treinar na principal, desenvolvendo, tal e melhorando, procurando assim melhorar alguma coisa.

Nesse processo vai se marcando uma série de diferenças em relação às formas pelas quais os jovens são representados nos sistemas culturais que os rodeiam, a começar pela própria família. As famílias também são convocadas a assumir o discurso do sistema esportivo e vão se inserindo no processo de construção do sujeito atleta. Inicialmente o engajamento ocorre pelo acompanhamento e incentivo à prática:

Meu pai nos primeiros três anos levava para o treino, ia para todas as competições e gravava todas as competições.

Progressivamente a interpelação vai levando as famílias a alterarem outros hábitos de vida. É comum modificar a alimentação em favor de um cardápio mais adequado, organizar os horários familiares para que se compatibilizem com os horários de treinamento, abrir mão de viajar em feriados ou as férias são planejadas em função do treino, entre outros:

...meu pai faz tudo o que tem que fazer, tipo alimentação agora, fazer comida assim e assim, a nutricionista mandava e a minha família toda tinha que fazer direitinho.

As famílias sofrem mudanças de várias ordens: na sua organização, funcionamento e até mesmo mudanças que interferem nos outros membros, passando a marcar diferenças também nos núcleos familiares de atletas em relação aos de não-atletas:

Eu morei em 3 cidades por causa da natação.

Os familiares passam a viver e a sofrer as mesmas emoções e pressões vividas pelos atletas. As famílias também são inseridas na cultura esportiva e, muitas vezes, reproduzem com esmero o discurso da exigência da performance excelente.¹³

Aí é aquele negócio de esporte que eles vivenciam, sempre fazem tudo para eu estar bem assim.

Tipo eles ficam ansiosos, ficam nervosos, ele ficam mais nervosos do que eu, às vezes.

¹³ Este aspecto é retomado na discussão sobre o narcisismo.

Para os atletas, a presença da família apoiando sua escolha é percebida como fundamental. Ela endossa a escolha e reforça a opção pela dedicação ao esporte competitivo:

A família assim para mim é importante, com certeza. Se eu tô bem assim... talvez se eu não tivesse assim a estrutura dos meus pais, não sei se eu teria conseguido o que eu consegui até hoje.

Muitas famílias cumprem com um papel de reforçamento ao discurso da disciplina e dedicação que o esporte de alto rendimento exige de seus participantes. Além do incentivo, muitos pais assumem uma posição de cobrança e fiscalização pela prática:

*Ah, do meu irmão tá sempre pegando no pé, tá sempre ligando para ele, tá sempre ligando, como é que tá, tá treinando, tá descansando... meu pai pega muito no pé. Até demais sabe, enche um pouco o saco. **Para ti ele não liga assim?** Não, é que ele sabe que eu to treinando... ele me conhece, ele sabe que eu me dedico. O meu irmão se não pegar, ele começa a fazer festa e esquece, sabe, deixa de lado.*

A própria família incentiva e pressiona o jovem a manter-se no sistema competitivo muitas vezes sob o argumento dos diversos ganhos proporcionados com o esporte. Os benefícios são alardeados pelo discurso esportivo e abarcam uma série de condições: a saúde é um dos principais argumentos utilizados em favor da prática esportiva (atletas têm uma imagem de pessoas saudáveis); a prevenção ao uso de drogas (o discurso esportivo se apóia bastante no da saúde e prevenção); a possibilidade de obter ganhos financeiros ou até mesmo ganhos secundários como bolsa de estudo, viagens, auxílio-alimentação, patrocínios diversos. Desse modo, famílias conseguem, por exemplo, formar em universidade particular um de seus membros ou adquirir bens, o que sem a ajuda financeira do clube não seria possível. Compreendemos, assim, os “sacrifícios” pelos quais muitas famílias passam em função da carreira do atleta. Podemos pensar também na responsabilidade que acaba sendo colocada no jovem em manter esses benefícios através de seu rendimento.

*O pai sempre incentivou vocês... Sempre, às vezes até demais. Às vezes ele cobra. Não é que ele cobra, ele tenta não cobrar, mas a gente vê que ele fica brabo quando a gente vai mal, eu até gozo que às vezes no sábado quando ele vem olhar o treino e ele fica espiando por cima da Zero Hora, ele odeia que a gente chegue atrás, ele fica muito indignado, isso eu já falei pra ele... **No treino?** No treino, ele não gosta que a gente chegue atrás nem no treino. Daí ele fica espiando por cima da Zero Hora, daí eu acho muito engraçado.. **Mas tu fica cuidando ele?** Eu fico cuidando... **Bom, eu imagino que quando criança isso devia pesar bastante...** Pesava mais, hoje eu já bato de frente.*

A pressão exercida pelos familiares pode ser mais sutil ou bastante evidente. Percebemos que, com o decorrer da carreira (e através de racionalizações), muitos atletas passam a considerar as atitudes dos pais como uma brincadeira, como uma atitude engraçada, mas que demonstra ainda o quanto pesa o olhar de aprovação ou não de suas atitudes. Mesmo nos atletas mais velhos (acima de 18 anos) notamos que a família segue acompanhando de perto a trajetória do filho, algumas vezes atrapalhando com a pressão exercida também sobre o técnico ou mesmo dirigentes. O poder que a família exerce pode ser um facilitador para o atleta manter-se bem no treinamento ou pode ser um complicador importante na trajetória do sujeito. O olhar do outro assume uma função importante nessa trajetória.

É muito comum observarmos pais que foram atletas na sua juventude ou mesmo aqueles que desejaram muito sê-lo, mas que, por algum motivo, não puderam dedicar-se ao esporte. A expectativa narcísica pelo sucesso do filho fica evidente em alguns casos, embora na maioria das vezes, percebemos que esse aspecto atrapalha os atletas que se sentem depositários de uma profecia a ser realizada. Muito se discute acerca do papel dos pais no desenvolvimento de seus filhos, mas o que seria interessante levantar neste momento é o quanto o esporte possibilita que sejam satisfeitos desejos antigos dos próprios pais através da performance de seus filhos e o quanto essa satisfação pode atrapalhá-los. É comum na nataçãõ, por exemplo, vermos pais pegando o tempo que o filho fez nos treinos ou competiçãõ, tomando claramente a posiçãõ que diz respeito ao técnico.

Eles falam assim “ah, porque tu não vai para os Estados Unidos treinar lá, estudar lá”. Pô, ir para lá eu vou perder... vida social eu não vou ter lá, vou ficar lá só trabalhando e estudando, tá eu vou conhecer as pessoas, mas também tipo assim esses confortos que eu tenho em casa eu não vou ter lá, namorada e... sabe, isso aí eu não vou ter.

A possibilidade de o filho vivenciar situações de viagem, estudo, melhores condições financeiras, etc. que seriam impossíveis de serem proporcionadas pela família na atual conjuntura econômica e social do país é outro fator que reforça o atleta à permanência no esporte de alto rendimento:

Tu tem que trabalhar mais mas está dando retorno, tá viajando, tá conhecendo as pessoas, lugares diferentes e isso é muito importante, né. Vale a pena. Quando é que eu imaginei que eu ia ir para o Japão, nunca me imaginei no Japão, no Havaí, Havaí era um sonho meu de ir, pô conheci o Havaí.

Essa permanência, no entanto, não é vivida destituída de conflitos e ambivalências por parte dos atletas. Ainda que usufruam de uma série de benefícios do sistema competitivo, ao mesmo tempo sofrem a pressão por terem se tornados diferentes. É uma situação bastante paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que se orgulham por se diferenciarem dos demais, essas pressões por terem se diferenciado evidenciam-se principalmente na comparação de suas posições em relação ao trabalho e estudos quando comparados a não-atletas. Enquanto conhecem o mundo, por exemplo, deixam de dedicar-se aos estudos com esmero. No entanto, ainda que conhecer novos lugares seja algo valorizado e apreciado, não corresponder ao que é esperado para o padrão hegemônico de estudo e trabalho futuro é motivo de conflito.¹⁴

É no convívio social com o grupo de iguais que ficam bastante evidentes as diferenças que vão se instaurando no jovem atleta:

Desde pequeno a gente (eu e meu irmão) fez tudo junto, né? Treinava de manhã junto, trocava de colégio junto por causa de treino, sabe, a gente sempre foi companheiro nesse lado. Talvez a gente teria largado já se fosse sozinho um ou outro. Eu cheguei numa fase que eu não queria mais sabe,

¹⁴ Este aspecto é melhor discutido no dispositivo do trabalho.

que enjoa a gurizada 'não quero mais', sabe. Daí tipo tu ia ali ah, tá junto, sabe, claro que ajuda, né.

O próprio grupo do qual passa a fazer parte muitas vezes ajuda a manter a adesão ao treinamento, pois, nas diversas vezes em que pensam em parar de dedicar-se ao treinamento, a companhia do grupo torna-se fundamental para permanecer na prática. Os amigos passam a ficar mais restritos aos da equipe, pois o ritmo de treinamento acaba por afastar os jovens de outros relacionamentos. Eles não conseguem acompanhar programas diversos que os outros colegas costumam fazer, tais como ir ao shopping, visitar um amigo, participar de um trabalho extra classe.

Ah, sempre deixei tudo de lado para nadar assim, nunca tive nem turma porque eu saia do colégio, almoçava e nadava, sabe, passava o dia nadando. Não tinha outra coisa.

A produção do sujeito vai se dando nesse contexto e os enunciados da cultura esportiva passam a fazer parte do repertório do atleta. O sujeito se insere no esporte e passa a reproduzir as práticas tais como se preconiza quando voltadas ao alto rendimento:

Então todo mundo ia de bicicleta prá lá (clube). A gente se reunia na padaria que era em baixo assim e que era perto de onde eu morava e subia todo mundo junto, de preferência. Daí acabava o treino, todo mundo descia pra padaria e ficava conversando. Aquilo era um ritual, mas que era legal. Então na verdade ninguém queria faltar o treino, não só por causa do treino, mas pela companhia.

Progressivamente a identificação fica restrita ao círculo esportivo e os atletas passam a sentirem-se até mesmo desadaptados à rotina de outros jovens de mesma idade, considerados como o modelo hegemônico atual. Esse estranhamento também funciona como reforçador para que o atleta se mantenha no esporte, pois ele teme ter de readaptar-se a uma vida que ele na maioria das vezes nem acha interessante. O apelo do grupo para permanecer treinando é muito forte:

Ah, para mim sempre esse lado assim de relacionamento foi difícil, bem difícil. Se tu tá numa festa o pessoal bebe para relaxar, só que eu não bebo, então tu já viu o trabalho... por isso que eu não gosto de ir em festa, nunca gostei de festa, churrasco, essas coisas, sempre evitei bastante.

Algumas vezes a própria evitação de certas situações passa a ser uma forma de manter-se na rotina. Essa evitação pode ser compreendida também como um movimento de resistência ao discurso naturalizado do que é esperado dos jovens de mesma idade. O discurso da prática esportiva em que se privilegia uma alimentação e hábitos disciplinares rigorosos restringe o convívio social. Aqueles que já apresentam algumas dificuldades para se relacionarem em grupo encontram nesse discurso a justificativa perfeita para se manterem afastados. Já para os que apreciam essa convivência muitas vezes essas restrições são sentidas como muito difíceis de tolerar. Poucos conseguem abrir mão de determinados comportamentos sociais, como o de participar ativamente de uma festa, por exemplo. Na mídia seguidamente são vistos exemplos de atletas que não conseguem abdicar desses momentos. Em esportes individuais essas exigências se tornam mais rigorosas uma vez que a performance depende única e exclusivamente do próprio atleta que não pode contar com o apoio e desempenho de um time, já que seu resultado depende somente dele mesmo.

Eu deixo de fazer muita coisa, né? Tipo férias assim a gente tem muito pouco, né. Eu assim faz três, quatro anos que eu não tenho assim um mês de férias.. [...] Então até assim em termos de amizade que eu tinha, perdi muito sabe. Alguns amigos meus, sabe, perdi aquele contato que eu tinha, porque tu não vai viajar, tu não sai muito de noite...

Manter-se em treinamento significa produzir e reforçar continuamente essas diferenças, pois os atletas precisam abdicar de uma série de situações consideradas naturais para sua idade. Passam pela eterna luta de reforçar essas diferenças em favor do esporte, mesmo que isso signifique sacrifícios nos modos de vida desses sujeitos:

Perde aquele contato social assim, então eu perdi um pouco... Então é mais o pessoal da nataçao aqui, né? [...]Uma coisa do esporte que é ruim isso é a parte social que tu perde um pouco.

Em outros casos o esporte ajuda a criança a se sentir mais acolhida nos grupos sociais. Não são poucos os atletas que relatam suas dificuldades de relacionamento, geralmente ligadas à timidez, e a inserção em um grupo os faz sentirem-se mais confiantes e aceitos pelos outros, pois essas diferenças (timidez, dificuldade de conviver em grupo) não são aspectos valorizados nos grupos esportivos, especialmente em esportes individuais.

O que que tu acha que a natação mudou na tua vida? [...] No relacionamento também né, competição... tu aprende a te relacionar com as pessoas diferente, né. Porque eu era tri 'nerd' assim no colégio, sabe, tri isolado do pessoal, sabe... Acho que por timidez eu ficava num canto sempre, tipo isolado, mais na minha, sabe. Ajudou um monte este lado.

Através do esporte, muitos jovens passam a se sentir mais aceitos. Com o exercício físico transformam seus corpos e passam a representar o ideal preconizado pela mídia atual. Além do corpo, a própria identidade de atleta associada a um caráter de heróico, saudável e vencedor ajuda estes jovens com mais dificuldades a se sentirem aceitos e respeitados. A partir de sua performance, procuram vencer suas dificuldades pessoais.

A equipe de treinamento adquire uma importância tão grande para o atleta que algumas vezes, ainda que isso signifique uma melhora em seu rendimento, obter uma “promoção” para uma equipe superior a que estava, por exemplo, pode ser fonte de frustração:

Não tinha nada contra o (técnico novo), eu não queria era mudar de equipe, porque o meu círculo de amizades mudou. Eu me lembro que quando eu fui pro (técnico novo), todo mundo...” Ah, agora a (nome do atleta) nem...” Eu fui num churrasco e eles disseram: “É o primeiro e o último que a (nome do atleta) vem, porque agora tu vai pra equipe do (técnico novo)”.

Observa-se a importância do grupo na vida dessas crianças e jovens. Ele pode funcionar como um continente e depositário das identificações, mas também como um fator de exclusão e frustração, pois as diferenças são demarcadas também dentro do próprio grupo. Desse modo, aquele que não corresponde mais à maioria não pode mais fazer parte desse círculo. Quando as diferenças começam a ser visíveis, nem todos as

toleram. É fundamental que a equipe técnica esteja atenta a esses processos nos grupos – e aqui o profissional da psicologia tem papel importante.

Daí me acostumei. Fazer o quê? Eu ficava chateada porque quando tinha churrasco eles não me convidavam.

Outra diferença marcante nos atletas de alto rendimento em relação a outros jovens é sua condição financeira. Muitas vezes, jovens talentosos já estão recebendo ajuda financeira enquanto seus colegas vivem de mesada. Essa situação também parece ser permeada de ambivalências, pois traz consigo vantagens e desvantagens. Ao mesmo tempo em que o jovem se sente valorizado e orgulhoso de ter conquistado posição, bens ou outras coisas, sente-se muitas vezes invejado, criticado ou até mesmo explorado:

Tipo o pessoal que tem carro, eu vejo, da minha idade, é porque ganhou do pai, sabe, quando o pessoal pergunta “ah, o teu pai te deu” e eu “não eu comprei” o pessoal fica assim “!bah, que legal”, sabe, é diferente. Aí até tu dá mais valor né, porque o pessoal ganha um carro e já detona tudo, se matam, fazem besteira...

E é um saco, né, porque o pessoal sabe que eu ganho, então qualquer coisa que acontece o pessoal joga na cara o dinheiro... Tipo o pessoal começa a reclamar, não sei o que e eu “ah, é...”, “ah, tu não reclama que tu ganha 1500 por mês”, sabe, é um saco isso. [...] Ou então, “ah, me paga isso, porque tu tem dinheiro”. Pára! O pessoal mistura as coisas.

Sob esse aspecto a família também é importante. Na natação não é tão comum as famílias dependerem do dinheiro ganho pelo nadador, mas em esportes como o futebol, por exemplo, é bastante freqüente o atleta assumir todas as despesas da família.

O relacionamento com o técnico também traz questões interessantes de serem pensadas, pois muitas vezes ele assume um papel de extrema importância na vida do atleta, chegando mesmo a exercer funções paternais. O técnico também funciona como o olhar de um outro de extrema relevância na construção da identidade desse atleta. Os atletas referem a importância em estabelecer uma relação de confiança com seu técnico.

Tem vezes que eu tô meio desconfiado do treino sabe, e ele ‘ah, espera que vai dar certo’ e sempre dá certo sabe, quando eu fico treinando menos, sabe, mas ele ‘espera que vai dar certo’. Tu tem que ter uma relação de confiança.

O discurso do técnico assume o caráter de autoridade incontestável. Ele representa o discurso técnico-científico do sistema esportivo. É fundamental que o atleta estabeleça essa confiança para enfrentar períodos de maiores dificuldades ao longo de seu treinamento. As preparações para as competições exigem muito física e emocionalmente do atleta e o técnico tem papel fundamental nesses momentos para incentivar e manter o atleta no seu objetivo:

Por que são, às vezes duas, às vezes quatro horas por dia que tu ali, que nem o técnico fala: “são duas horas às vezes só por dia”, não custa nada tu pegar e tu te desvincular do resto, entrar na água e treinar. Claro que às vezes é difícil.

O significado que vai assumindo o discurso do técnico para o sujeito vai nomeando-o como um bom ou mau atleta, dedicado ou não. A identidade desse sujeito vai sendo construída também pela relação com seu técnico.

Qualquer coisa que ele te fala ali (na competição) já é uma coisa que vai te sustentar, né, então isso eu acho importante assim,... porque ele tá todo dia contigo ali, fazendo uma série forte e ele tá ali te dizendo “não, não é isso é aquilo tal”, tá te falando, tá te instruindo.

Não são poucas as vezes que a relação com o técnico acaba sendo prejudicial para o atleta justamente em função da grande influência que ele exerce e do poder que seu discurso assume na vida da criança ou do jovem.

Eu acho que ele é um bom técnico pra te ensinar a nadar, mas ele é um péssimo técnico psicologicamente. Nisso o (nome do técnico) é muito bom, quando tu vai falar com ele, ele sabe entender quando tu não tá legal, e eu acho que ele vê bastante isso, ele presta bastante atenção nisso. E o (nome de outro técnico) não, se tu tá mal ele te enterra mais ainda.

Desse modo percebe-se como também o técnico assume um lugar importante para que o atleta se pense nas suas diferenças dentro do sistema competitivo. O técnico repassa os valores do sistema competitivo, reproduzindo o discurso do esporte contemporâneo.

Seguidamente surgem as dúvidas de permanecer nessa prática, geralmente associadas a perdas de convívio social, seja na escola/universidade ou entre amigos e familiares. Muitas comemorações são perdidas, datas importantes que não podem ser compartilhadas em função de viagens ou mesmo do treinamento:

Quando o treinamento é específico para prova de piscina, eu tô nadando, aí assim às vezes dá uma... “será que vale a pena, sabe, ficar fazendo a força que eu tô fazendo aqui, será que eu vou ter o retorno que eu queria ou pretendia ter?”

Ainda que consigam perceber e enumerar as vantagens que obtiveram com o esporte (viagens, dinheiro, estudo, satisfação pessoal com as melhoras na performance), sentem com pesar a perda de uma vida mais comum como a de seus amigos. Às vezes essa noção de diferença em relação a sua vida com a de outros jovens só vai ser percebida mais adiante a partir de um olhar de outro, de fora do esporte:

E eu conheci o (nome do rapaz). E conhecer o (nome do rapaz) começou a me fazer pensar muito na minha carreira de atleta porque eu nunca fiz nada a minha vida inteira, eu nunca saí de noite. (...) Não é errado sair. E eu acho que foi bom porque eu saí um pouco daquela cobrança minha. E me incentivou.

Quando ainda o sujeito encontra-se totalmente capturado no discurso esportivo, o olhar externo não é percebido do mesmo modo. Ao contrário, a diferença estabelecida é tida como mais um obstáculo a vencer para que não atrapalhe a trajetória do atleta. Isso é percebido na voz de uma atleta ao referir-se a outra que estava acompanhando o namorado seguidamente em saídas à noite:

Eu ia deixar ele ir normal, não ia ter esse ritmo, porque daí eu ia acabar me violentando, sabe? E isso eu não faço, sabe? Violentar para tentar acompanhar o ritmo de vida de outra pessoa, não faço de jeito nenhum. Acho que as minhas coisas normalmente vêm primeiro.

O modo de ser atleta já é tão naturalizado que ela não percebe a contradição de sua fala. Quem estaria violentando quem? Se ela não sai com o namorado, ele também vai deixar de fazer o que gosta.

A partir do que foi discutido até então, percebemos como o esporte competitivo tal como constituído na contemporaneidade vai interpelando os sujeitos nele inseridos e subjetivando-os. O chamamento ao esporte competitivo geralmente se dá de forma gradativa. Os sujeitos iniciam com objetivos diversos como, por exemplo: indicação médica, para ocupar tempo ocioso, para imitar um parente, um ídolo ou o professor. A partir desse início, o processo de inclusão na competição é insidioso: o professor estimula a competir, o técnico percebe que a criança tem talento e a convida a treinar mais, a família o incentiva, o próprio grupo que se forma é motivador a permanecer na atividade. Muitas diferenças vão sendo marcadas no contexto social desses jovens em relação ao de jovens que não se dedicam ao esporte de alto rendimento. O sujeito vai sendo capturado pelo discurso competitivo e passa a responder a esse apelo. Uma pedagogia do corpo vai se constituindo e o que inicialmente era motivo de conflito passa a ser entendido como fazendo parte do contexto esportivo. Assim, a vida social da criança/jovem passa a ser mais restrita ao ambiente esportivo, as dores inerentes ao treinamento mais pesado, tudo passa a ser natural e esperado pelos atletas e seus familiares.

O esporte e o trabalho

Ao pensar nos dispositivos que possibilitam aos jovens atletas se pensarem como diferentes, a especialização no esporte e sua conseqüente profissionalização é uma questão fundamental de ser analisada, pois traz consigo a noção de mercadorização do esporte e nos reporta a questões do trabalho como um dispositivo que adquire diferentes sentidos para os atletas.

A especialização no esporte acarreta inevitavelmente benefícios concretos tais como auxílio-alimentação, bolsa de estudos, atendimento médico e a própria prática

remunerada. Muito se tem discutido acerca da mercadorização do esporte e do quanto o esporte de alto rendimento acaba levando os atletas para o mundo do trabalho. Bracht (1997) afirma que o esporte de rendimento tende a assumir características de empreendimentos capitalistas com fins lucrativos, submetidos às leis do mercado, com proprietários e vendedores de força do trabalho. Rúbio (2002) ressalta como a profissionalização desencadeou uma transformação na organização do esporte, tornando a carreira de atleta profissional uma alternativa cobiçada e até mesmo uma opção de vida para jovens talentosos e habilidosos. Mesmo modalidades esportivas consideradas não profissionais trazem em sua organização vários componentes que as transformam em prática remunerada ou indiretamente remunerada através de outros benefícios.

Juntamente com o advento da sociedade moderna, as práticas corporais voltadas para o rendimento e para a competição foram se expandindo para o continente europeu – em meados do século XIX – até se transformar no conteúdo hegemônico em nível mundial ao longo do século XX. É premente e indiscutível a presença da mercadorização na instituição esportiva atual. Segundo Bracht (1997, p.109), “esportividade se tornou um valor ou uma norma de comportamento socialmente válido, esperado e, de certa forma, exigido”.

A partir dessas questões, entender como a especialização subjetiva o próprio atleta com relação a sua carreira profissional é uma questão interessante de ser pensada, pois o trabalho também pode ser considerado um dos dispositivos do esporte que possibilitam aos jovens atletas se pensarem nas suas diferenças, se tomarmos a carreira esportiva como um outro que marca essas diferenças. É preciso procurar entender, portanto, os sentidos que o esporte, encarado como um trabalho, produzem na vida desses sujeitos.

A escolha por especializar-se no esporte de alto rendimento não é destituída de ambivalências e paradoxos. A própria modalidade esportiva pesquisada – natação – traz em sua estrutura federada um caráter de amadorismo, o que é por si só uma incoerência. Ainda que oficialmente a prática seja amadora, as cobranças, benefícios e repercussões de mídia são tomadas da mesma forma que os esportes profissionais. Assim, se há patrocinadores, contratos de imagem, ajudas de custo institucionalizadas, direitos e deveres, há uma prática de trabalho instaurada, mesmo que não-legalizada:

Eu trato como se eu trabalhasse, como se eu viesse aqui na hora do treino, é a hora de eu estar trabalhando, é um compromisso.

Os atletas são cobrados por profissionalismo e por condutas que representem esse compromisso. O trabalho, entendido como um dispositivo no sistema esportivo, produz um discurso de disciplina que reforça os próprios valores do treinamento para a competição.

Eu acho que eu já tenho uma rotina toda. Por que eu passei, tipo do colégio pra faculdade, o pessoal mais junto, só um pouquinho diferente, sabe? Então eu já venho com aquilo desde pequena.

O sujeito é interpelado pelo esporte de alto rendimento e passa a se subjetivar através dessa prática já desde o seu ingresso, sendo reforçado pelos vários sistemas nos quais está inserido (familiar, educacional, midiático,...).

“E como eu não tinha mais nada, só o colégio, e o colégio sempre me deu muito apoio: se eu faltava aula não tinha problema, os professores sempre me incentivaram, meus pais sempre me incentivaram ... “

Os discursos da saúde e do bem-estar, colados à esportividade, ajudam a marcar as diferenças na vida desses atletas, pois desde o início de sua vida escolar já são tratados diferentemente em favor da dedicação ao esporte. Assim, têm facilidades como repetir provas em outro dia, abono de faltas, etc. por serem atletas, muitas vezes representando o próprio colégio/universidade. Os interesses da instituição educacional, nesse caso, se

conjugam com os do esporte competitivo. Assim como o clube tem interesse na divulgação da imagem dos atletas, algumas instituições educacionais também o possuem.

O caráter ambivalente fica presente ao longo de toda a trajetória desses atletas. Ainda que apreciem e se satisfaçam com a prática esportiva, ficam evidentes os efeitos que provoca, nem sempre sentidos como benéficos. As maiores queixas são com relação ao prejuízo aos estudos e, posteriormente, à capacitação profissional:

Eu achei que também poderia ter estudado mais no curso, me dedicado mais, que nadando assim, tu falta um pouco de vontade de estudar às vezes, sabe?

Os atletas perdem muitas aulas em função do treinamento e das competições, têm pouco tempo para estudar para as provas, fazer trabalhos e participar de eventos profissionais. A dificuldade em conciliar a rotina do esporte de alto rendimento com a universidade, estágios e até mesmo trabalho fica presente em muitos casos:

Tipo pesquisar, fazer curso assim, congressos, eu não fiz quase, eu tenho um ou dois congressos em todo o curso, isso não vale nada. A vida fora da sala de aula, extra assim não tem, não tem curso. Então isso é uma coisa que eu achei que faltou, sabe?

Mais uma vez esses jovens se diferenciam dos seus colegas, pois não conseguem participar nem de congressos, já que nos finais de semana em que estes geralmente ocorrem, eles estão envolvidos com treinos e competições. Queixam-se de que se formam no curso com o currículo empobrecido em termos de participações em pesquisas, cursos e atividades acadêmicas, mas, em troca, trazem a experiência competitiva e a tradição do esporte ao qual se dedicam. Caso se dedicam a uma profissão afim, essa “deficiência” é compensada com a experiência, porém se a profissão é de outra área, os atletas muitas vezes se sentem com deficiências ou em desvantagem com relação aos seus iguais:

[...] semestre passado, quase morri pra fazer porque eu não sabia nada, nunca tinha pego uma petição na minha vida, e a mulher sentou no primeiro dia de aula e mandou a gente fazer. “Ah, que agradável, nunca vi uma...”

É horrível, daí fiquei pensando: “ai, professor, não pergunta pra mim!” Ele olha pra ti e tu finge que tu tá escrevendo, sabe?

Assim como as relações sociais são afetadas pela prática do esporte de alto rendimento, a vida profissional também parece sofrer interferências. Ainda que muitos atletas se sustentem com o que ganham nadando, o discurso do trabalho formal também os interpela e, muitas vezes, se sentem incomodados por não estarem cumprindo com o esperado por nossa sociedade. É uma situação paradoxal, fonte de conflito para esses jovens que, mesmo sendo valorizados por seus feitos atléticos, são também cobrados por não serem assim tão diferentes do que é esperado pelo padrão tido como natural pela sociedade:

Se eu não tivesse nadando eu já estaria trabalhando, sabe, tipo, hoje eu consigo me sustentar com a nataçãõ. Eu até às vezes fico um pouco assim porque eu talvez esteja atrasado no profissional, né, porque eu podia estar trabalhando já.

Sair para trabalhar, fazer um curso, sabe, até na faculdade própria eu preciso fazer muito curso, sabe, de programa de computador e tal, de... para fazer um trabalho é difícil. Eu sinto falta, um pouco de medo assim de não estar, sabe, depois chega na hora de fazer e eu não sei fazer nada, de ficar parado. Tem coisas que até agora... é difícil conciliar os dois.

Os sentidos produzidos pelos discursos devem disputar espaços com outras significações já presentes nos sujeitos. A interpelação não se dá sem luta por imposições de sentidos. Como nos fala Pinto (1989, p.41), “Este confronto tem duas características a serem observadas: a primeira é a capacidade de o discurso criar novos sujeitos; a segunda refere-se à transformação do próprio discurso pela criação de novos sujeitos”.

Desse modo, os atletas vão produzindo uma série de sentidos acerca de sua relação com o trabalho. As diferenças estabelecidas através dos colegas não-atletas suscitam questionamentos constantes ao longo da prática:

Normalmente depois das férias, quando eu começava a nadar me dava aquela dúvida, trabalho? Principalmente depois que eu entrei na Faculdade, faço estágio ou venho nadar? Que nem eu te falei aquela vez, todos os meus colegas faziam estágio, hoje acho que foi o primeiro ano que eu não me estresso mais com isto.

Os atletas passam a exercer as práticas de si adequadas para corresponder ao que é concebido como o bom atleta, totalmente subjetivado pela cultura esportiva. Seu discurso passa a representar não só a sua posição pessoal, mas também os valores de diferentes instituições que eles assumem como sendo suas. Assim, a própria carreira esportiva passa a ser tomada como uma possibilidade de trabalho futuro. Não são raros os atletas que se tornam técnicos ou passam a trabalhar com atividade física. Parece que é difícil se desprender deste círculo esportivo, onde convivem geralmente desde a infância. Nesse ponto fica claro o que Bracht (1997) refere como as duas dimensões que a mercadorização do esporte gerou: a) o surgimento do espetáculo esportivo e seus sub produtos e b) os serviços ligados à prática esportiva. Os atletas acabam por responder ao apelo das duas dimensões, buscando corresponder à espetacularização enquanto atletas atuantes e, posteriormente, como trabalhadores do esporte:

O esporte me ajuda também a promover a área profissional. Daqui a algum tempo, se eu tiver uma sala lá de personal por exemplo, vai ter o nome. De repente “ah, o fulaninho nadador aquele” [...] Marketing!

Os ganhos agregados ao esporte contam como benefícios que incentivam a permanência no treinamento. O esporte tem proporcionado a atletas de talento uma série de benefícios que dificilmente esses sujeitos teriam oportunidade de usufruir em uma vida comum em nossa atual conjuntura:

Tu tem que trabalhar mais mas está dando retorno, tá viajando, tá conhecendo as pessoas, lugares diferentes e isso é muito importante. Vale a pena. Quando é que eu imaginei que eu ia ir para o Japão? Nunca me imaginei no Japão, no Havaí, Havaí era um sonho meu de ir.

Muitos atletas conhecem boa parte do mundo através das competições esportivas, custeadas pelo clube ou federação esportiva. Além da possibilidade de viajar, outros incentivos comuns são bolsas de estudo e auxílio alimentação. Percebemos que muitas

vezes esses incentivos são fontes de ambivalência para os atletas, pois alguns têm vontade de parar de treinar mas se sentem impossibilitados de pagar a universidade que é custeada pelo clube ou manter outros benefícios. As justificativas buscadas para manterem-se na rotina são as mais variadas, desde a manutenção da ajuda financeira até a necessidade permanente de superar suas próprias marcas. O reconhecimento narcísico permeia todo esse processo e é percebido na fala de diferentes atletas. Para eles o olhar do outro torna-se fundamental e este outro pode ser materializado na família, no técnico, na mídia.

Se eu não tivesse nadado as (tipo de prova) não sei se estaria nadando hoje. Porque assim, eu tô com 26 anos, então eu tô terminando a faculdade agora. Se não tivesse o clube ajudando, eu tô tendo ajuda de custo melhor assim em termos financeiros por causa das (tipo de prova), né? [...] eu ia estar trabalhando se eu não estivesse na minha posição, certamente.

Ao encararmos o trabalho como tendo uma interferência no campo subjetivo dos sujeitos e entendendo que a dedicação ao esporte de alto rendimento muitas vezes assume esse caráter de trabalho (mesmo que não formalizado), é interessante problematizar algumas questões específicas do trabalho.

Se lembrarmos o processo histórico do trabalho, vemos que a ética protestante, respondendo às necessidades do capitalismo, criou um novo significado para o trabalho, associando-o a questões morais. Desse modo, a ociosidade passou a ser vista como um mal a ser evitado em contraposição à dignificação pelo trabalho (MAYA, 1995; ALBORNOZ, 1994). O esporte de alto rendimento assume muito dessas características, sendo valorizadas atitudes como determinação, esforço contínuo, busca de limites, treinamento constante, entre outras. Preconiza que todo aquele que se dedicar com afinco terá mais chances de alcançar os resultados esperados, não tendo, portanto, lugar para a ociosidade, entendida aqui como pouco esforço, indisciplina, etc. São discursos assumidos pelos atletas:

Se tu trabalhar corretamente vai... isso é uma consequência.

Codo e Sampaio (1995) consideram que o trabalho humano é onipresente em todos os âmbitos da vida social. Albornoz (1994) refere que a palavra trabalho tem múltiplos significados: se, por um lado, é tido como sofrimento, esforço e fadiga, por outro, traz a noção de processo criativo, transformação da matéria natural em objeto da cultura. O processo de treinamento também é encarado das duas formas, carregando ainda os valores que a cultura da esportividade propaga. Aqui, portanto, se ligam as questões da transformação do corpo, da busca por uma vida melhor, do reconhecimento narcísico.

O trabalho é uma instância social que tem sido examinada como importante no processo Saúde/Doença Mental, visto que configura formas de desgaste e sofrimento mental. Se o trabalhador não é capaz de se identificar com o seu produto e de eternizar-se através do mesmo, sua alma morre pelo vazio que ali se instala (CODO E SAMPAIO, 1995). Se consideramos o treinamento como um equivalente do trabalho para os atletas, esses sujeitos sofrem os mesmos processos pelos quais passam trabalhadores de outras áreas. É comum eles associarem o treinamento e a competição ao prazer e desprazer, associar o resultado alcançado com todo o esforço empregado até então. Essa associação tanto pode ter um sentido benéfico, voltado para a criatividade, para a saúde mental e corporal, quanto o seu oposto.

Eu treinava e ainda tinha vontade de treinar mais. Eu treinava, treinava, treinava,... Aquele ano eu ganhei o Brasileiro de natação, eu bati todos os recordes que eu sempre quis.

Mendes (1995) discute a importância simbólica do trabalho, dizendo que a ressonância simbólica implica o sentido que a tarefa tem para o sujeito, conforme sua história singular. O trabalho pode ser, portanto, um lugar de satisfação sublimatória, em

que a energia pulsional, inicialmente dirigida às figuras parentais, é transferida para as relações sociais. Assim sendo, o esporte tomado como um equivalente do trabalho também pode ser fonte de satisfação, possibilitando ao atleta identificar-se com o produto/resultado de seu trabalho/esforço.

Então meu objetivo era acompanhar a equipe. Mas no início eu não consegui acompanhar os treinos. Eu estava abaixo do que eles treinavam.(...) Daí naquele ano eu ganhei o estadual. Bah, imagina! Nunca tinha ganho um estadual na vida. Aquilo foi... Daí esqueci tudo e fiquei só fissurada na natação.

Percebemos a importância que o treinamento assume no campo subjetivo dos atletas de alto rendimento e como a associação entre treino/trabalho também pode ser entendida para problematizar o dispositivo trabalho na vida desses sujeitos.

O esporte e o narcisismo

O esporte de alto rendimento não pode mais ser pensado dissociado da espetacularização e de sua importância dada pela mídia. Isso nos remete a discussões relacionadas ao narcisismo de nossa cultura atual, baseadas em psicanalistas como Birman (2000) e Costa (2001), historiadores como Lasch (1983) e sociólogos como Debord.

G. Debord, no final dos anos 60, e Christopher Lasch, na década de 70, começaram a pensar a pós-modernidade como constituidora de novas sociabilidades e trabalharam com conceitos atualmente incorporados ao nosso vocabulário¹⁵.

A subjetividade, desde os primórdios da modernidade tem seus eixos constitutivos na idéia de interioridade e de reflexão sobre si mesma. Ainda que nas últimas décadas

¹⁵ Debord denominou a ‘sociedade do espetáculo’ trabalhando a idéia de espetáculo conjugada às de exibição e teatralidade, pelas quais os atores se inserem como personagens na cena social. As metáforas do exibicionismo e *mise-en-scène* remetem para a de exterioridade, forma primordial pela qual se concebe a economia da subjetividade na cultura do espetáculo. Tudo isso remete à exaltação do eu e à estetização da existência. (BIRMAN, 2000)

tenhamos observado diferentes modos de subjetividade, o eu ainda encontra-se numa posição privilegiada. Atualmente, percebemos esse autocentramento conjugado de modo paradoxal com o valor da exterioridade. “Com isso, a subjetividade assume uma configuração decididamente estetizante, em que o olhar do outro no campo social e midiático passa a ocupar uma posição estratégica em sua economia psíquica” (BIRMAN, 2000, p. 23). Essa exterioridade vai assumir proporções fundamentais de serem compreendidas, para que possamos articulá-la com as questões do esporte.

O autocentramento se apresenta inicialmente através da “estetização da existência”, em que importa somente a exaltação do eu, tanto para si mesmo quanto para os outros. A cultura da imagem é correlata à estetização do eu, estabelecendo a hegemonia da aparência, que passa a se constituir critério fundamental do ser. O sujeito passa a valer pelo que parece ser, de acordo com as imagens produzidas para se apresentar na cena social. A mídia cumpre um papel de destaque nessa configuração, pois, com seu culto às celebridades, alimenta os sonhos narcisistas de fama e glória do homem comum que, identificado com esse discurso, sente dificuldade em aceitar a banalidade da existência cotidiana.

O esporte, desse modo, se presta totalmente para preencher esses sonhos narcisistas uma vez que se calcou na espetacularização. Como um fenômeno de massa, necessita da presença de “heróis”, “estrelas” ou “ídolos” para manter-se interessante e, conseqüentemente, uma fonte de identificação para as pessoas.

Rúbio (2001) afirma que os atletas contemporâneos têm sua imagem vinculada ao espetáculo e ao lazer. São tidos como sujeitos capazes de arrebatam multidões com suas

performances ou até mesmo causar dor e comoção coletivas em casos de acidente ou morte.

Essa exposição e exploração do esporte e dos atletas acaba produzindo uma associação entre a figura do atleta com o mito do herói, reforçado pelo caráter agonístico¹⁶ da disputa esportiva¹⁷. O papel que desempenham como representantes de uma comunidade, geralmente ultrapassando obstáculos intransponíveis, realizando feitos considerados sobre-humanos e a própria vida disciplinada que levam, favorece a construção da condição de herói dos atletas (RÚBIO, 2001).

Tudo isso reforça as questões de valorizar somente a vitória, cultivar a performance e buscar a excelência, escutadas tão freqüentemente por todos os envolvidos na cultura esportiva. A exterioridade, entendida como equivalente da performance esportiva, funciona para os sujeitos atletas como forma de obter ganho narcísico, mas também como uma fonte de pressão por manter a expectativa criada:

Os últimos cinco Brasileiros eu ganhei todos os (nome da prova), aí cheguei aqui, todo mundo: “Ah, ele é campeão brasileiro”, porque todo mundo vê eu ganhar a prova. (...) Daí eu “putz”, sabe, amoleci... e agora se eu perco?

As próprias famílias também acabam por reproduzir esse discurso pela busca da vitória e excelência. Muitas vezes as vitórias ou fracassos dos filhos são tomados como seus, entendendo, nesse caso, que os filhos são os representantes que vão preencher (ou não) os ideais narcísicos de seus pais:

Ele (o pai) não gosta que a gente chegue atrás nem no treino, [...] ele fica muito indignado.

¹⁶ Agonística (agonistiké, em grego) significa luta, disputa atlética. Esta luta é conferida aos heróis com o sentido de valorização do guerreiro e do combate intrépido. (RÚBIO,2001)

¹⁷ Rúbio (2001) aprofunda essas questões ao discutir a constituição do imaginário esportivo contemporâneo – do atleta como um herói - a partir da relação estabelecida entre as performances esportivas e as façanhas heróicas da mitologia.

Os técnicos muitas vezes também vivem esse processo, pois a performance do atleta é, em última instância, a estetização do resultado de seu trabalho. Muitos não conseguem administrar bem as derrotas sofridas, refletindo nos sujeitos atletas esses conflitos:

[...] era o menino dos olhos, [...] quando ele foi mal no Brasileiro e tava brincando com uma bolinha assim de papel no lixo, ele (o técnico) disse que ele tinha que jogar basquete por que pra natação ele não servia.

A expectativa de corresponder a esses ideais preconizados pela cultura esportiva são percebidas pelos sujeitos atletas como mais um fator de pressão para obter somente resultados satisfatórios:

[...] porque não é a pressão mais do clube, é a pressão do país para ti ganhar. [...] Ainda mais se tu vai com chance numa olimpíada de medalha deve ser horrível, deve ser muito horrível. [...] Imagina, tem a expectativa de um país atrás, imagina, só. Aqui com o clube já é horrível, do país então nem se fala.

Na chamada “cultura do narcisismo” - termo cunhado pelo historiador Lasch (1983) - não há mais lugar para a alteridade como valor, mas sim uma ênfase no autocentramento do sujeito, que é refletido no individualismo e na desconsideração à história observados em nossa sociedade. Apesar de no esporte de alto rendimento a preocupação não residir diretamente na aparência, observamos uma preocupação com a performance do atleta, ou seja, uma preocupação por resultados, tempos, percentual de gordura. Assim, aspectos da performance esportiva se tornam equivalentes ao que os autores tratam por aparência física. Toda a trajetória, o caminho percorrido pelo atleta para chegar até uma posição de destaque nem sempre é considerada, pois há uma ênfase no momentâneo, na instantaneidade proporcionada pelo espetáculo. Assim, quando não consegue corresponder às expectativas, mostra sofrer a dor narcísica de não corresponder ao ideal almejado por ele e pelos outros:

Aí eu perdi mesmo, sabe, perdi a prova ali já. [...] Acho que foi a pior semana da minha vida, cara. Eu queria fugir, queria ir embora, falei para a minha namorada “vamos embora daqui, não quero mais nadar”. [...] Foi pressão minha própria sabe, de querer não decepcionar.

A imagem, a aparência, a estetização da existência se desdobram na chamada “cultura do espetáculo”, em que a exibição se transforma no objetivo essencial da existência do sujeito, sua razão de ser. A exigência pela performance passa a ter um destaque fundamental, pois, na cultura do espetáculo, se confunde o ser com o parecer. Consideram-se fracassados todos aqueles que não conseguem exercer o fascínio da estetização de sua existência. No esporte percebemos o quanto a valorização pela vitória toma conta do discurso estetizante, passando a ser desvalorizado qualquer outro resultado.

O pessoal não entende mesmo para falar que eu fiquei em quinto no Troféu Brasil (uma das principais competições brasileiras) ninguém entende.

A própria mídia se encarrega de reforçar esse discurso, valorizando apenas os campeões. Nos atletas aparece tanto um fascínio pela repercussão na imprensa de seus feitos extraordinários quanto um pavor por ter de deixar à mostra a não-vitória, pois é esta a lógica do esporte de alto rendimento: ou se é o vencedor ou não se é considerado.

Então eu não gosto muito desse lado de imprensa, de dar entrevista, bah, odeio, odeio totalmente. Mas tem que ir né, pelo clube.

A alteridade e a intersubjetividade são modalidades de existência fadadas ao silêncio e esvaziamento na cultura do espetáculo, pois não há mais lugar para admirar o outro em sua diferença radical, pois o sujeito não consegue mais descentrar-se de si mesmo. Ao contrário, ele busca compor uma exterioridade capaz de seduzir o olhar do outro, e é por isso que a imagem surge como condição de possibilidade de captura do outro. A mídia assume posição primordial e, no esporte, isso fica muito claro. O discurso narcísico do espetáculo se identifica com o do esporte de alto rendimento:

E eu era uma das melhores que tinha na região, então toda a hora na TV, toda a hora no jornal. Todo mundo me conhecia lá, eu passava na rua, todo mundo me olhando.

Volta e meia saía no jornal uma notinha do hipismo e uma notinha da natação em cima com o meu nome nas duas. Imagina, era super legal, né?

A mídia ocupa um lugar ainda mais importante quando se trata de esportes “amadores”¹⁸ como a natação, pois expor-se significa a possibilidade de negociar vantagens em um próximo contrato de imagem, visto que o clube busca essa exposição para angariar mais sócios e, conseqüentemente, mais receita financeira:

Porque na minha reportagem no (nome do jornal), saíram 5 fotos. Cada uma com um troço deste tamanho do (nome do clube) estampado na camisa. Então pra eles o retorno de imagem foi um absurdo, né? E eu fui em todos os programas de esporte que existem no RS.

Costa (informação verbal)¹⁹ contribui em pensar questões do corpo e da cultura ao mencionar a emergência na atualidade do que ele chama de “bioidentidades”. Sob essa perspectiva os indivíduos hiperinvestem no corpo, desinvestindo na alma. A construção de novos valores sociais voltados para o cuidado do corpo, a tentativa de excelenciar uma conduta saudável mudam o centro da identidade para a corporalidade. Com isso, novamente é estabelecida uma estetização da existência e eu sou o que aparento ser. Costa chamou “racismo do *fitness*” a busca incessante pela similaridade com o outro, por uma pasteurização da imagem do corpo observada atualmente e amplamente difundida pela mídia. Essa busca acaba por gerar um sossego ao indivíduo, já que, ao se pasteurizar, não sofre mais exigências para corresponder ao modelo imposto pela cultura do narcisismo, negando de vez as diferenças. Durante o período de treinamento e especialmente com as categorias iniciantes no esporte competitivo, isso fica muito evidente: ainda que comparem

¹⁸ A questão do amadorismo/profissionalismo é melhor discutida quando problematizado o dispositivo trabalho.

¹⁹ Comunicação verbal durante palestra proferida na II Jornada do Pós-Graduação em Psicologia – PUCRS, Porto Alegre, setembro de 2001.

muito sua performance, todos se tornam bastante similares na conduta, capturados pelo discurso esportivo do rendimento:

Aquilo era um ritual, mas que era legal. Então na verdade ninguém queria faltar o treino.

A cultura individualista narcísica relacionada ao esporte é pensada por Lipovetsky (apud COUTO, 2001) de forma bastante interessante, quando diz que encerrou-se a era moralista do desporto, solicitante da competição, do esforço, da solidariedade e da abnegação. A cultura esportiva atual afastou a idéia de dever moral, sobressaindo-se a valorização individual da coragem, jovialidade, emoções fortes, risco e aventura. Assistimos a uma proliferação de esportes radicais, de aulas de ginástica adaptadas a golpes de boxe ou de artes marciais. Hoje em dia, não é mais a virtude – como foi observado nos princípios do Olimpismo – que legitima o esporte, mas a busca pelo prazer corporal, pelo dinamismo energético e pela experiência de si próprio como alguém capaz de suplantar todos os obstáculos para atingir seus objetivos.

(...) foi o melhor ano que eu já nadei. Acabou sendo porque eu acho que eu tava tão pra cima que nada me abalava naquela época. Eu estava super bem comigo.

A proliferação das atividades esportivas leva também à criação de diversas especialidades que surgem a partir dessa demanda, referendada pela mídia. Já não é mais preciso ser adepto de uma norma esportiva, mas manter o corpo acelerado com a versatilidade de escolhas disponíveis. Os atletas, mais uma vez, servem como modelo de identificação, explorados pela mídia e pela mercadorização do esporte através do oferecimento de seus serviços. Os contratos de imagem firmados com os clubes visam justamente promover os serviços oferecidos aos demais consumidores.

Transformado em espetáculo pelos meios de comunicação, o esporte, enquanto signo da sociedade contemporânea, remete a imagem de viver bem, estar bem consigo, ser vitorioso, transmitido como ideais a serem atingidos pela média da população.[...] o esporte, visto como mais um produto de consumo, precisa criar

protagonistas para vender em espetáculo esperado e desejado (RÚBIO,2001,p.103).

Essas questões se conjugam com o que Lasch (1983) pensa a respeito do sujeito contemporâneo, já que acredita que as pessoas buscam o sentimento de bem-estar pessoal, saúde e segurança psíquicas. Nesse sentido, o clima atual não é religioso como em outras épocas – não se busca mais a salvação pessoal nem a transcendência espiritual – mas terapêutico, na busca pela “paz de espírito”. Proliferam-se as técnicas de preenchimento das necessidades emocionais e de auto-ajuda, tornando a saúde mental sinônimo de destituição das inibições e imediata gratificação de impulsos.

A cultura baseada na estetização da existência e na busca pelo bem-estar privilegia o corpo como o lugar da identidade do sujeito. O músculo passa a ser um dos modos privilegiados de visibilidade desse bem-estar, valorizando as técnicas de gerenciamento e pedagogias do corpo. Segundo Lipovetsky (1994), a questão do esporte já não é mais de bonificação moral ou de transcendência virtuosa. Os sujeitos exercitam-se por si mesmos, para se divertirem, para se suplantarem a si próprios, inclusive no risco de lesionarem-se fisicamente. “O princípio de ‘performance’ alia a competição interpessoal à competição consigo próprio, cada indivíduo compara-se com o outro para afirmar o ego autoconstrutor triunfante de si mesmo” (LIPOVETSKY, 1994, p.130).

Como eu nadava em uma equipe pequena, eu era a estrela principal da equipe, e quando eu vim para cá, uma equipe grande que eu era o soldado do batalhão, sabe? Mais uma no meio de muitos que eram bem melhores que eu, e tive que administrar legal isso, sabe? E eu pensei muito antes de vir, como eu ia aceitar isso, sabe? Por que como eu já estava bastante tempo lá, sempre era tudo em volta de mim, era só eu que ia para o Brasileiro, então eu era sempre uma estrelinha.

Baseados no que foi discutido até então, podemos entender por que os ideais de auto-superação e transcendência estão tão presentes no discurso daqueles envolvidos na

cultura esportiva. A performance atlética se associa à espetacularização e todos os limites são ultrapassados na busca por um desempenho excelente. Na era da qualidade total e na busca pela perfeição, o discurso do esporte de alto rendimento se coaduna perfeitamente com esses ideais.

O discurso da atualidade privilegia o autoprogresso e a vontade de vencer. No entanto, segundo Lasch (1983), o sucesso foi esvaziado de qualquer sentido além do seu próprio.

Eu não aceito muito bem, quando eu acho que eu tenho condições de ganhar e não ganho... Eu tenho meus 15 minutos de raiva que ninguém pode falar comigo.

A auto-aprovação do sujeito vai depender do reconhecimento e aclamação públicos e é por essa dependência do olhar do outro que se aproximam as questões narcísicas de nossa sociedade. Mais do que estimados, os indivíduos querem ser admirados. Mais que respeitados, querem ser invejados. O sucesso fica associado às características da juventude, do fascínio, da novidade e do sucesso necessitando ser ratificado pela mídia. A glória é mais fugaz do que nunca e aqueles que conseguem a atenção do público temem insistentemente perdê-la. Para os atletas, a glória tem de ser aproveitada ao máximo, pois os resultados são muito mais fugazes, eles não conseguem transmitir a dimensão do esforço que fizeram para chegar até esse resultado.

O esporte e o corpo

O corpo é o que é na cultura, e é entendido como resultado provisório de diversas pedagogias que o conformam em uma determinada época e lugar. É no corpo que se inscrevem os marcadores identitários, entendidos como símbolos culturais que funcionam para diferenciar, classificar, discriminar e ordenar. É nele que se tornam manifestas as

marcas que nos posicionam: ser (ou não ser) alto, negro, magro, loiro, etc.; ter (ou não ter) tal ou qual sexo, idade, língua, etc.; partilhar (ou não) de tal ou qual costume, tradição, território. Essas marcas são o lugar identitário do sujeito e, nesse sentido, o corpo é marcado e distinguido muito mais pela cultura do que por sua presumível essência natural (FRAGA, 2000, 2001; VEIGA-NETO, 2000). Ao pensar nos marcadores identitários do corpo, remetemo-nos a sua indissociabilidade com as questões de identidade do sujeito.

As questões relativas ao atleta, então, serão aquilo que se diz e se representa como o atleta, aquilo que de alguma forma nos captura e aprisiona, fazendo com que consideremos essas marcas como representantes do atleta, como a representação naturalizada desse indivíduo. É interessante pensar que, ao instaurar marcas nos corpos dos sujeitos, estas marcas vão produzindo visibilidades. O poder de penetração de um discurso na vida das pessoas está intimamente ligado à possibilidade de esse discurso ser tomado como “natural”, inquestionável. Desse modo, ficam imperceptíveis os efeitos que provoca nos sujeitos por ele capturados. E quando falamos em pedagogias do corpo, é indissociada a idéia de poder regulador.

Fraga (2000, p.99), ao discutir as diversas pedagogias que conformam o corpo, nos diz que o corpo

adquire diferentes sentidos no momento em que é investido por um poder regulador que o ajusta em seus menores detalhes, impondo limitações, autorizações e obrigações para além de sua condição fisiológica. Um poder que não emana de nenhuma instituição ou indivíduo e muito menos se estabelece pelo uso da força, mas sim pela sutileza de sua presença nas práticas corporais da vida cotidiana.

Na voz dos atletas pesquisados, percebemos o quanto esse poder está imbricado com sua conduta, tornando-os sujeitos obedientes a esses discursos:

Eu não me sinto nada bem se eu não tiver preparado para a natação, chegar a faltar um treino me faz muito mal, sabe, ou treinar mal por causa que eu tô cansado, não me faz nada bem.

As relações de poder são sutis e invisíveis, pois permeiam uma série de pequenas técnicas, numa rede de instituições sociais tais como a escola, a igreja, o esporte. Mas para que essas relações se efetivem, é necessário que o sujeito obediente sinta benefícios, prazer naquilo que a princípio não lhe agrada, mas que progressivamente vai percebendo que as recompensas se tornam mais freqüentes que as penas.

De 93 a 96 foi a arrancada, eu treinava todos os dias. Foi bem legal, eu gostava muito daquela época porque eu acho que eu tinha obrigação mas era minha obrigação... Eu me obrigava, entendeu? Não, era eu que me obrigava, eu me incentivava, eu me cobrava... E como eu não tinha mais nada, só o colégio, e o colégio sempre me deu muito apoio: se eu faltava aula não tinha problema, os professores sempre me incentivaram, meus pais sempre me incentivaram ... Então para mim aquela época foi muito boa. Na minha cidade eu era a melhor, para mim era muito gratificante.

Nos atletas percebemos que o que de início era tido como extenuante ou até mesmo restritivo passa a ser naturalizado no discurso do alto rendimento e a ser reproduzido com orgulho, gerando gratificações de várias ordens – no próprio corpo, na questão financeira, no reconhecimento social. Portanto o que no início era uma obrigação, como nos fala o atleta acima, começa a ser percebido como algo prazeroso e gratificante. As pessoas significativas na vida dessas crianças e adolescentes – pais, professores, grupo – reforçam o discurso que associa o esporte à saúde, incentivando sua prática. O rigor dos treinamentos passa a ser percebido como um obstáculo necessário a ser ultrapassado a cada dia, glorificando a conquista de mais uma etapa atingida. O corpo fica à mercê de várias técnicas. São instauradas diversas pedagogias que passam a produzir esse corpo atlético.

O conceito de Foucault sobre o estabelecimento de tecnologias do eu é fundamental neste contexto para entendermos como o esporte interpela os atletas. O conceito desse autor (apud LARROSA, 1995, p.56) é entendido como aquelas práticas que

permitem aos indivíduos efetuar por conta própria ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamento, conduta, ou

qualquer forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmo com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade.

Desse modo, o discurso dos atletas que estão inseridos no contexto esportivo traduz as transformações que vão sendo efetuadas ao longo do processo de competição:

Se eu começasse tudo de novo eu faria de novo, sabe. Eu não me arrependo de nada e ponto. Uma coisa do esporte que é ruim isso é a parte social que tu perde um pouco, tipo a alimentação, assim tudo regradinho, bonitinho...tem comidas que deve evitar, tem outras que deve comer e tal.

A transformação de si vai se dando progressivamente no contexto esportivo e as técnicas do treinamento, os próprios resultados alcançados vão sendo tomados como verdades pelo sujeito e que lhe possibilitam manter-se nesse sistema.

O que que tu acha que a natação mudou na tua vida? Ah, tudo. Relacionamento, o físico... o físico totalmente, né. Eu tinha problema um pouco de coluna, já era meio torto e magro, sabe, assim totalmente diferente. No relacionamento também né... tu aprende a te relacionar com as pessoas diferente. Porque eu era tri 'nerd' assim no colégio, sabe, tri isolado do pessoal, sabe... Acho que por timidez eu ficava num canto sempre, tipo isolado, mais na minha, sabe. Ajudou um monte este lado. Tu acha que tu ficasse mais sociável assim? É, exatamente. Ajudou por causa da turma sempre, né. Antes da natação, no colégio, eu dificilmente formava turma, coisa assim.

O corpo se transforma através do exercício e esses sujeitos começam a perceber que estão correspondendo ao modelo idealizado por toda a sociedade, reforçado pelo discurso médico, da mídia, do bem-estar. Portanto, não só os benefícios alcançados pelo esporte ajudam a reforçar as tecnologias do eu. Os discursos científico e médico também as reforçam, fazendo com os atletas reproduzam essas práticas.

Eu sempre treinei super bem, tipo me dedicava e ele não, fazia festa, dormia duas horas e ia treinar... E eu conversava com ele “a gente vai ver que daqui alguns anos eu vou estar bem e tu vai estar mal”, sabe, e era claro isso. Eu falava para ele isso... [...] Em casa todo mundo falava que não, “pode dar certo assim” falavam. Tipo “tu pode dar certo assim e eu assim, ninguém é igual” e eu “tá, tudo bem, mas na natação tem que ser, sabe, tem que ter dedicação”.

Este atleta mostra como o discurso esportivo permeia toda a prática ao questionar outro atleta que não se mostra tão dedicado quanto ele e reitera a verdade do treinamento: ou há dedicação ou não há resultado.

Eu acho que eu tenho qualidades assim para natação, tipo genético assim, já tenho qualidades para a prova de distância, fundista nato mesmo. Fibras vermelhas, devo ter para fundista mesmo.

Tipo a base, a aeróbica dele ficou muito deficiente por causa disso. Tipo séries mais longas ele já sente mais. Tu tem que ter uma base desde criança, né.

O próprio corpo passa a ser visto em sua forma e sua composição em busca do maior rendimento. Há uma ordem biotecnológica que se conjuga com a organização do treinamento: exames de lactato, de capacidade cardio-respiratória, estabelecimento do percentual de gordura, etc. vão submetendo o corpo a um controle de qualidade que acaba por transformar a própria experiência concreta do corpo.

Porque é dolorido, prova de piscina dói, rasga tudo, né, dá um cansaço e tal, então às vezes dá assim “bah, será que eu vou mesmo, sabe?” e acabo indo. O cara fica meio assim não querendo enfrentar o problema, né. Tá na água tem que te doar mesmo, aí então tu pode. Quando eu caio na água, tipo assim, tu nada trezentos metros e começa quinhentas coisas na cabeça “será que é isso aqui mesmo?” meio que fraqueja assim sabe, daí no final eu consigo reagir.

Couto (2001), ao trabalhar com idéias de Lipovetsky, Baudrillard e Maffesoli, faz contribuições importantes às questões que relacionam o esporte, a cultura do corpo e o narcisismo de nossa sociedade. Diz que a ética da felicidade contemporânea é pautada na aparência atlética e saudável, na juventude e elegância. As normas do bem-estar são traduzidas nas do melhor parecer. “O imperativo narcísico da atualidade glorifica a cultura higienista, dietética e desportiva” (COUTO, 2001, p. 42). Portanto, não só os discursos médico e científico reforçam as verdades do esporte, mas também a mídia e a própria cultura.

Atualmente o sujeito é visto no seu presente e na busca pelo seu bem-estar, destituindo qualquer plano de futuro. A ética contemporânea da felicidade (conceito discutido por Lipovetsky) não é mais só consumista, mas construtivista no sentido de otimizar nossos potenciais, de não nos resignarmos mais ao corpo que temos, mas construí-lo e manter sua juventude, negando a ação do tempo. A busca pelo completo bem-estar é

característica presente na cultura hedonista e individualista atual. Baudrillard pensa que a valorização da saúde e do equilíbrio orgânico é uma simulação para a busca pela performance em que o corpo, capturado pela publicidade, nela se realiza (COUTO, 2001). Desse modo, o discurso esportivo (e competitivo) retrata os ideais contemporâneos vigentes em nossa sociedade atual.

A dificuldade de deparar-se com a passagem do tempo, com o envelhecimento e, conseqüentemente, com o declínio da performance é uma constante nos atletas.

É a perspectiva de melhora que me faz continuar a nadar, no momento que eu achar que eu não tenho mais pra onde melhorar, eu vou parar com certeza. [...] Eu não sei se eu vou conseguir administrar a decadência.

Tu ainda tens uns bons anos pela frente, né? Tem duas olimpíadas no auge, né. Mas o pessoal ainda vai. Uma vez era 23, 24 anos, agora tem 30. Tipo o Gustavo Borges, a melhor fase da vida dele é agora eu acho, tá nadando super bem nas competições internacionais.

O medo da passagem do tempo e de não conseguir alcançar seus objetivos de rendimento faz com que se viva todas as possibilidades no presente e penso que os excessos muitas vezes cometidos nessas carreiras (uso de drogas, sobrecarga de treinamento) são motivados por essa necessidade de excelência. A preocupação com o futuro não existe, pois este só será interessante se o sujeito conseguir deixar alguma marca de herói para a posteridade. Vive-se para o momento e à luz dos holofotes. O sujeito passa a buscar o controle sobre si mesmo e é no corpo que esse processo tem maior visibilidade.

Por vezes, presenciamos situações mais delicadas como lesões, problemas de saúde, em que a preocupação em não deixar de render se sobrepõe à saúde do próprio atleta. O sujeito se submete a situações de risco, pois é muito difícil lidar com a impossibilidade de não se perceber competente como o esperado para um atleta de alto nível. A questão do tempo também é fundamental para esses atletas, pois muitas vezes treinam muito por um resultado cuja chance de alcançar se reduz a uma ou duas competições no ano. Assim, uma

lesão ou problema de saúde vem a ser um obstáculo na busca do objetivo ao qual se dedicaram com afinco. Essa é considerada uma das tantas pressões que esses atletas sofrem ao longo de sua trajetória competitiva:

E eu tinha operado o joelho, eu tinha um tempo de recuperação que é difícil. Porque é complicado tu vir para o treino e não conseguir treinar. É complicado saber que eu não podia fazer aquilo tudo, mas aí fui levando.

Deparar-se com a impossibilidade de render o esperado é complicado, porque é deparar-se com as suas limitações. Entender que não é possível sempre corresponder ao esperado desses esportistas, qual seja, a busca incessante pela superação e o rompimento de todos os limites é confrontar-se com uma ferida em seu narcisismo. A recuperação de uma lesão, por exemplo, é um dos períodos mais difíceis de tolerar, pois é deparar-se constantemente com sua impotência/ineficiência. É confrontar-se concretamente com a sua falibilidade. Se o discurso do esporte de alto rendimento é justamente vencer e superar-se constantemente, qualquer evento que mostre o oposto pode ser sentido como uma derrota:

Então aí eu fiquei parado um tempão, sabe, quando eu tive infecção aí eu deveria ter, precisava descansar, ter ficado mais tempo parado, sabe? Só que aquele negócio de ter que voltar para competir, eu voltei assim, não tava tão legal, aí voltou mais forte ainda. Então se eu fosse pensar na minha saúde mesmo, eu teria que ficar mais tempo parado, para recuperar bem, ficar bem legal, para depois voltar.

Aqui percebemos o quanto o discurso do esporte passa a ser reproduzido com devoção. Impera o desejo de vencer e competir a qualquer custo, mesmo que a despeito da saúde. Isso parece inclusive reforçar o caráter de heróico nesses atletas, pois resistem a tudo, até mesmo à dor em favor da competição:

As três últimas que eu nadei eu tava mal. Em (nome da cidade 1) uma vez eu nadei com febre lá, tava chovendo, eu não tava me sentindo bem, eu tô mal, não vou nadar. Aí em (nome da cidade 2) eu tava me recuperando da gripe lá. Aí nadei mais ou menos. Aí tive uma recaída. Fui para (nome da cidade 3) ainda, aí tinha o Sul Brasileiro, eu fui às onze da noite para (nome da cidade 3), cheguei tarde da noite lá, aí quando eu voltei eu treinei mais três dias e voltou pior a gripe. Aí fui no médico, mais antibiótico, uma semana parado, sem fazer nada, só ficar deitado na cama descansando, porque senão vai virar pneumonia, porque tu não deu o tempo certo, voltou antes e

veio mais forte ainda, então é melhor olhar a tua saúde, primeiro esquece o esporte, esquece o Brasileiro tudo.

Os marcadores identitários vão se inscrevendo não só no corpo, mas no modo de ser desses sujeitos. A representação do atleta como alguém capaz de suportar as adversidade e superar todos os obstáculos é um dos efeitos que o discurso da cultura esportiva provoca, tornando-a a representação naturalizada de atleta de alto rendimento.

(D)OS EFEITOS

Ao longo da dissertação busquei investigar como jovens atletas que se dedicam à prática do esporte de alto rendimento constroem suas identidades. Para construir e problematizar esta questão, fui levantando alguns dispositivos do esporte contemporâneo como o narcisismo que permeia a cultura esportiva, a relação de trabalho que acaba sendo constituída através do treinamento, as relações sociais estabelecidas pelos atletas com outras pessoas e a produção do corpo atlético que compreendi como capazes de produzir e de subjetivar esses jovens através da sua prática.

Nesse sentido, percebi que a dedicação ao esporte de alto rendimento produz uma situação paradoxal para esses atletas, pois, ao mesmo tempo em que estabelecem diferenças que demarcam suas identidades de atleta e das quais se orgulham, estas mesmas diferenças podem servir como um ponto de conflito justamente por diferenciá-los dos jovens não-praticantes do esporte de competição e que muitas vezes representam o discurso hegemônico atual de nossa sociedade, tido como natural e esperado. Essas diferenças são percebidas principalmente nas questões que dizem respeito à vida profissional futura e à rotina rígida de vida que se estabelece, influenciando principalmente as relações sociais dos jovens. Assim, por exemplo, ao mesmo tempo em que se orgulham dos resultados alcançados por sua dedicação, ressentem-se de não conseguir cumprir com compromissos da universidade ou do trabalho que consideram importantes.

Geralmente essas diferenças passam a ser incômodas aos atletas quando se deparam com o olhar de um outro de fora da cultura esportiva, pois, enquanto encontram-se capturados por esse discurso, essas diferenças são percebidas como sendo mais um obstáculo a ser ultrapassado na trajetória de atleta.

A identidade do atleta de alto rendimento é associada ao caráter de heróico, saudável, belo e vencedor. Essas características fazem eco aos discursos médico, técnico-científico e midiático contemporâneos, ajudando o sujeito a sentir-se realizado através de seus feitos. O discurso da sociedade atual preconiza atitudes como a determinação, o esforço contínuo, a busca de limites que se coadunam perfeitamente com os ideais do esporte, permitindo que esses jovens sintam, através de sua prática, que estão preparando-se para sua vida futura e para o mercado de trabalho. Os ganhos narcísicos ficam evidentes não só através da produção e transformação do corpo como na gratificação percebida pelo olhar do outro, que aqui pode ser entendido como o olhar da mídia, dos amigos, da medicina, da família.

Assim, reforçar as diferenças em favor do esporte é reforçar os significados de sucesso, performance excelente e vencedora que a identidade de atleta traz associada. Muitas vezes, esses sentidos ajudam crianças e jovens a superar dificuldades pessoais como timidez, dificuldade de inserir-se em grupos, entre outras.

As relações de poder que permeiam os discursos da cultura esportiva contemporânea só são percebidos através de seus efeitos, pois, após sua inserção no esporte, os sujeitos vão sendo interpelados, constituindo-se e passando a responder desse lugar do esporte. Desse modo, já posicionados nesses discursos de esportividade e competitividade, muitas vezes os tomam como verdades e passam a subjetivar-se a partir

deles. Tecnologias do eu são instauradas e operações sobre o corpo e sobre o sujeito são postas em prática na busca pela realização, pelo bem-estar, pelo sucesso e performance. Os atletas se realizam através de um controle sobre si mesmos e a visibilidade maior desse processo é notada no próprio corpo. Sabendo que a identidade na contemporaneidade é centrada fortemente na corporalidade, percebemos que os marcadores identitários inscrevem-se principalmente no corpo. Assim, a produção do corpo atlético, por exemplo, traz um ganho narcísico por corresponder aos ideais preconizados pela cultura. O corpo passa a ser um dos modos privilegiados de visibilidade dos discursos de bem-estar e felicidade de nossa ética contemporânea.

A prática esportiva constituída como uma prática cultural valoriza o sucesso e a otimização da performance, geralmente relegando as virtudes dos sujeitos a um plano secundário. A valorização da performance excelente talvez seja mais exacerbada em modalidades esportivas individuais em que o desempenho depende exclusivamente do atleta e não de uma equipe ou time, resultando numa maior pressão pelo resultado. O sujeito se sente, muitas vezes, destituído de virtudes, porque o que conta para o sucesso e para ser reconhecido como um bom atleta é a visibilidade da performance. Esse é um dos efeitos que produz sofrimento para esses jovens. Esse sofrimento algumas vezes pode desencadear a dificuldade de muitos atletas em conseguir encerrar sua carreira esportiva de forma tranqüila, pois enfrentar o declínio da performance é, para alguns, intolerável. Outras vezes, esse efeito pode ainda desencadear um sentimento de vazio que busca ser preenchido de forma não produtiva ao sujeito como o uso de drogas e a sobrecarga de treinamento.

Se a identidade de atleta é associada ao heróico, vencedor, capaz de suportar toda e qualquer adversidade, fica muito complicado e sofrido lidar com uma performance que não

seja considerada excelente. Isso precisa ser compreendido por nós enquanto agentes de saúde mental, pois ninguém consegue manter-se no auge do desempenho por todo o tempo.

A questão que fica é como nós, enquanto psicólogos, lidamos com a saúde mental destes sujeitos. Como são tomadas ou entendidas as diversas interpelações sofridas pelos atletas e discutidas ao longo da dissertação, se os encararmos como seres mecânicos e quantitativos, sem considerarmos os efeitos na subjetividade, como pressupõe o paradigma positivista de ciência? Em função dessas problematizações, parece que é premente que se desenvolvam estudos que investiguem as problemáticas do sujeito, utilizando outros paradigmas científicos que possam contribuir na discussão dessas questões. Espero que esta pesquisa seja apenas o encerramento de uma etapa nesse processo de construção de conhecimentos a respeito desta área emergente da Psicologia que ainda tem muitas possibilidades de investigação, crescimento e de problematizações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BIRMAN, J. **Mal estar na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BERNARDES, A.; GUARESCHI, N. A Cultura como constituinte do sujeito e do conhecimento. In: CABEDA, S.; STREY, M.; PREHN, D. **Novas Formas de Subjetivação na Cultura Contemporânea**. Porto Alegre: EDIPUCRS. (no prelo).

BERNARDES, A.; HOENISCH, J. Subjetividade e Identidade: uma discussão entre Psicologia Social e Estudos Culturais. In: GUARESCHI, N. & BRUSCHI, M. (Orgs.) **Psicologia Social nos Estudos Culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

BRACHT, V. Esporte na Escola e Esporte de Rendimento. **Revista Movimento**, Porto Alegre, nº12, p. 2000/1

_____. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução**. Vitória: CEFD/UFES, 1997.

BRANDÃO, M. R. PSICOLOGIA DO ESPORTE. In: FERREIRA NETO, GOELLNER & BRACHT (Orgs.). **As Ciências Do Esporte No Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1995.

CARRAVETTA, E. **O Esporte Olímpico – um novo paradigma de suas relações sociais e pedagógicas**. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 1997.

CODO, W. e SAMPAIO, J. (Org.) **Sofrimento psíquico nas organizações**. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

COSTA, J. F. Palestra proferida durante a II Jornada do Pós Graduação em Psicologia – PUCRS, Porto Alegre, 14 setembro de 2001.

COUTO, E. Gilles Lipovetsky: estética corporal e protecionismo técnico nas culturas higienistas e desportiva. In:GRANDO, J.C. (Org.) **A desconstrução do corpo**. Blumenau: EDIFURB, 2001

DEL PRIORE, M. **Corpo a Corpo com a Mulher**. São Paulo: Ed. SENAC, 2000.

EPIPHANIO, E. Psicologia do Esporte: apropriando a desapropriação. **Psicologia: Ciência e Profissão**, CFP, v.19, n° 3, p.70-73, 1999.

EWALD, F. **Foucault, a norma e o direito**. Lisboa: Veja, 1993.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.

_____. **História da Sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993

FRAGA, A. Anatomias Emergentes e o Bug Muscular. In: SOARES, C. (Org). **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. **Corpo, Identidade e Bom-mocismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GUARESCHI, N.; MEDEIROS, P.; BRUSCHI, M. Psicologia Social e Estudos Culturais: rompendo fronteiras na produção do conhecimento. In: GUARESCHI, N. & BRUSCHI, M. (Orgs.) **Psicologia Social nos Estudos Culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

GUARESCHI, N. **Identidade, Subjetividade, Alteridade e Ética**. Conferência no IX Encontro da ABRAPSO-SUL . Itajaí, Santa Catarina. 7 a 9 de nov. 2002.

HALL, S. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, FACED/UFRGS, v.22, nº 2, p.15-46, 1997.

_____. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000a.

_____. Quem Precisa de Identidade. In: SILVA, T.(Org.) **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000b.

LARROSA, J. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, T.T. **O Sujeito da Educação – estudos foucaultianos**. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

LASCH, C. **A Cultura do Narcisismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LIPOVETSKY, G. **O Crepúsculo do Dever**. Lisboa: Dom Quixote, 1994.

LUCCAS, A. A Psicologia, o Esporte e a Ética. In: RÚBIO (Org.) **Encontros e Desencontros: descobrindo a psicologia do esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

MACHADO, A. **Psicologia do Esporte – temas emergentes I**. Jundiaí: Ápice Ed., 1997.

MAYA, P. Trabalho e Tempo Livre: uma abordagem crítica. In: JACQUES, M.; NUNES, M.; BERNARDES, N.; GUARESCHI, P. (Orgs.) **Relações Sociais e Ética**. Porto Alegre: ABRAPSO-SUL, p.41-61, 1995.

MENDES, A. Aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho: as contribuições de C. Dejours. **Psicologia: Ciência e Profissão**, CFP, Brasília, n. 1,2 e 3, p. 34-8, 1995.

PASSOS, E. **Por uma Clínica do Social: relações entre a esfera pública e privada na psicologia**. Curso promovido pelo PPG/PUCRS, março de 2002.

PIERUCCI, A. **Ciladas da Diferença**. São Paulo: Trinta e Quatro, 1999.

PINTO, C. **Com a palavra o senhor presidente José Sarney: ou como entender os meandros da linguagem do poder.** São Paulo. Hucitec, 1989.

RÚBIO, K.(Org.) **Encontros e Desencontros: descobrindo a psicologia do esporte.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000a.

_____. (Org.) **Psicologia do Esporte – interfaces, pesquisa e intervenção.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000b.

_____. **O Atleta e o Mito do Herói.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001

_____. O Trabalho do Atleta e a Produção do Espetáculo Esportivo. **Biblio3W, Revista Electronica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, v.VI, n.119, agosto 2002. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn119-95.htm>>. Acesso em: 12 jun. 2002.

SANTIN, S. **Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento.** Porto Alegre: Edições EST/ESEF, 1994.

SIEBERT, R. As Relações de Saber-Poder Sobre o Corpo. In: ROMERO, E. (Org.) **Corpo, Mulher e Sociedade.** Campinas: Papirus, 1995.

SILVA, A. M. Das Práticas Corporais ou porque “Narciso” se Exercita. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.3, nº 17, p. 244-251, maio 1996.

SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e Diferença.** Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

_____. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVEIRA, D. **Educação Física e o Desenvolvimento Cognitivo da Criança: fragmentação e integração na prática pedagógica.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade) Pontifícia Universidade Católica do RS, 2000.

SPINK, M. J. (Org.). **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas.** São Paulo: Cortez Editora, 1999.

SPINK, M. J.; LIMA, H. Rigor e Visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. In: SPINK, M. J. (Org.). **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

VEIGA-NETO, A. As idades do Corpo. In: AZEVEDO, KRUG & SIMON (Orgs.) **Utopia e Democracia na Educação Cidadã**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS/ Sec. Mun. Educação, 2000.

VEIGA-NETO, A.; WORTMANN, M. L. **Estudos Culturais da Ciência e Educação**. Belo Horizonte: Autentica, 2001.

WOODWARD, K. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Silva. **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.